

idealizado por

NENOH

Relatório do Estudo

HOMENS E CUIDADO

APRESENTAÇÃO

O trabalho com masculinidades no cenário brasileiro, a partir das experiências pioneiras de organizações não governamentais criadas a partir do final dos anos 90 no Brasil, apontou desde cedo para o cuidado como um eixo central de atuação no trabalho com homens. Ao lado dessa perspectiva mais prática de incidência sobre a vida dos homens – mas também das mulheres e de outros sujeitos – sempre esteve um olhar muito atento à produção de conhecimento. De lá para cá, e não somente no Brasil, o cuidado foi pensado como um elemento fundamental nas reflexões sobre as relações de gênero, assim como nas propostas que intencionavam produzir ferramentas para a promoção de sociedades mais justas e igualitárias.

Nesse contexto, a proposta deste estudo tende a interpelar o cenário brasileiro, buscando compreender como os homens brasileiros se relacionam com o cuidado em suas diferentes dimensões (autocuidado, cuidado do outro e cuidado em uma perspectiva comunitária). Pretendemos olhar para o contexto brasileiro e conversar com homens múltiplos, considerando diferença em termos de cor/raça, classe, sexualidade, regionalidade, deficiência, identidade de gênero (cis/trans) e idade, para compreender o que significa 'cuidado' para os homens brasileiros. Como os homens brasileiros exercem cuidado? E como os homens brasileiros recebem cuidado? Suas experiências de cuidado na infância e juventude estão ligadas às suas práticas do cuidado na vida adulta? Eles percebem a relação entre o cuidado e as desigualdades de gênero?

Essas diferentes perguntas buscam mapear contextos e apontar caminhos para a redução do distanciamento entre as masculinidades e o cuidado, acreditando que a partir disso possamos contribuir para a produção de uma sociedade mais justa e com equidade de gênero. Os homens precisam do cuidado e o cuidado precisa dos homens





**relatório do estudo
HOMENS E CUIDADO**

1

SOBRE O ESTUDO

- :: Ponto de Partida
- :: O que foi feito

2

O QUE APRENDEMOS

- :: Cuidado e Cultura
- :: Cuidado e Juventude
- :: Cuidado e Paternidades
- :: Cuidado e Saúde

3

O REAL PROBLEMA

4

OUTRAS POSSIBILIDADES DE INVESTIGAÇÃO

5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

6

FICHA TÉCNICA

relatório do estudo

HOMENS E CUIDADO

SOBRE O ESTUDO

Nesta seção introdutória, explicamos como concebemos e planejamos o estudo, incluindo nossos objetivos e premissas iniciais. Descrevemos todo o processo de construção, desde a concepção até a implementação, resultando na produção e publicação dos episódios em diferentes formatos do nosso podcast.

PONTO DE PARTIDA

o que é

**UM ESTUDO AUTORAL, PENSADO E
DESENVOLVIDO PELO MEMOH,
SOBRE HOMENS E CUIDADO**

OBJETIVO - GERAL

evidenciar o CUIDADO como um elemento fundamental nas reflexões sobre relações de gênero

COMO SERÁ FEITO

a partir de diversas ações, colhemos dados e informações necessárias para compilar, analisar e divulgar abertamente nossa percepção sobre o tema



PONTO DE PARTIDA

**por que falar sobre o
CUIDADO com HOMENS**

1

ELEMENTO FUNDAMENTAL NAS REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO

todas as relações estão fundamentadas no CUIDADO: estamos aqui hoje porque fomos cuidados por alguém - quase sempre por mulheres.

2

FORMA DE DESVIO DO MODELO DE MASCULINIDADE PADRÃO

explorar como as masculinidades podem ser retrabalhadas e transformadas em identidades baseadas no cuidado e não na dominação.



**PARA MOBILIZAR HOMENS PELA
EQUIDADE DE GÊNERO É NECESSÁRIO
TORNAR O CUIDADO VISÍVEL**



CUIDAR É UM VERBO HUMANO

**MAS COMO NÓS, HOMENS, ESTAMOS NOS
RELACIONANDO COM O CUIDADO?**

85%

do trabalho de cuidado no Brasil é feito **pelas mulheres** dentro das famílias.

10h24m

semanais a mais são gastos pelas mulheres em serviços domésticos em relação aos homens.

Muitos de nós já entendemos a importância do cuidar na nossa rotina, mas ainda estamos muito distantes:

- das tarefas domésticas (cuidado do lar)
- dos valores parentais (cuidado de crianças na infância)
- da interação com outros meninos e crianças na infância
- no campo do trabalho (educadores, profissionais de saúde)
- no cuidado de si (p.ex. ir ao médico)



Questão-incômodo:

***COMO ESTIMULAR UMA
PARTICIPAÇÃO MAIS JUSTA E
NECESSÁRIA DOS HOMENS
NO CUIDADO?***

APOSTA ÉTICO-POLÍTICA

aproximar os homens do Cuidado é a nossa maneira de contra-atacar o individualismo, o culto à violência, a falta de solidariedade.

cultura sustentada, principalmente, pelos homens



PROPOSTA ÉTICO-POLÍTICA
DE SE COLOCAR NO MUNDO

CUIDADO

O CUIDADO COMO UM
EIXO TRANSVERSAL



O QUE FOI FEITO

1 TEMPORADA DE PODCAST COM 4 FORMATOS DISTINTOS

Cada um desses formatos significam abordagens e estratégias diferentes escolhidas como maneiras da gente se aproximar do tema do estudo



O nosso clássico formato de roda de conversa <3. Apresentado por Pedro de Figueiredo e Lincoln Frutuoso, esse é o formato mesacast que conta sempre com dois convidados para um bate-papo super reflexivo.



Apresentado por Abel Oliveira, o MEMOHFONE foi o principal ponto de contato do público com o estudo. O formato em que o time ouvia e comentava todos os áudios enviados (com críticas, elogios, sugestões, comentários, etc) pra gente.



O "Homem de Fé" discutiu o cuidado sobre o viés das religiosidades. Apresentado pelo nosso pastor Ronan Lima, a ideia foi conversar sobre masculinidades e cuidado com líderes religiosos de diversas religiões.



Um podcast de entrevistas que, como o próprio nome já diz, convida alguém bem importante para bater um papo super cabeça com a gente.



04

- :: Cuidado e Cultura
- :: Cuidado e Juventude
- :: Cuidado e Paternidades
- :: Cuidado e Saúde

MACROTEMAS ESTUDADOS

Para realizar o nosso estudo definimos quatro recortes distintos pra pensar sua relação com o cuidado, chamamos eles de macrotemas: política, juventude, paternidades e saúde.

17

- :: 07 EPs Rodas de Conversa
- :: 05 EPs MEMOHFONE
- :: 03 EPs MEMOHConvida
- :: 02 EPs Homem de Fé

EPISÓDIOS LANÇADOS

Produzimos 17 episódios diferentes somando os 4 formatos que usamos nesta temporada para explorar e abordar o tema cuidado da forma mais ampla possível, respeitando toda sua complexidade.



PARTICIPAÇÕES

05

ESPECIALISTAS
ENTREVISTADOS

MEMOHConvida

Daniel Costa Lima
Nana Lima
Marcos Nascimento

Homem de Fé:

Babalawo Ivanir dos
Santos
Pastor Otávio Damichel

14

CONVIDADOS

Roda de Conversa

Abel Oliveira
Ronan Lima
Isabela Venturoza /
(Convidados Internos /
Time do Estudo de
Cuidado)

Andrio Robert
Caio César
Fernando Cespe
Ismael dos Anjos
Humberto Baltar
Fábio Mariano
João Hugo Cerqueira
Lucas Fontaine
Leonardo Peçanha
Lucas Freitas
Lucas Veiga
(Convidados Externos)

17

CONTRIBUIÇÕES
COMUNIDADE MEMOH

MEMOHFONE

Rafael Bueno
Thiago Zanchi
Luan Almeida
Juliano D'angelo
Lucas Freitas
Guilherme Braga
Téo do Rio
Léo Borba
Wallacy Barreto
Alvaro Burger
Adriano Vasconcelos
Vinicius de Moraes
Tadeu Vidal
Felipe Turl
Alex Coelho
Phelipe Lima
Tais Tozatti



GLOSSÁRIO

Ao longo das próximas páginas vamos mergulhar em cada um dos macrotemas investigados. Dentro do nosso estudo algumas expressões se tornaram estruturantes do nosso trabalho. Antes de seguir, vamos passar por cada uma delas:

INVESTIGAÇÃO PRELIMINAR

Pesquisa desenvolvida sobre o macrotema de estudo anteriormente à pré-produção e à gravação dos episódios. A partir dela, definimos o recorte de cada EP, os convidados, o roteiro, etc.

PRÁTICAS

As práticas são ações sugeridas ao final de cada episódio do formato Roda de Conversa, assim como ocorre nos Grupos Reflexivos do MEMOH. A intenção delas é trazer para o cotidiano um exercício prático e simples que seja uma extensão do tema debatido naquele dia e que ajude a manter a reflexão viva no nosso cotidiano.

DICA CULTURAL

Ao final de todo episódio do MEMOHConvida, o convidado do programa sugere uma dica cultural para o nosso público que tenha relação, em alguma medida, com o assunto abordado no episódio.

CUTUCADA

Nos episódios do formato de Roda de Conversa teve o quadro “cutucada”, um momento destinado à provocação de alguma mulher convidada, levando sempre uma boa questão pra ser respondida pelos convidados e hosts do EP, na intenção de aprofundar o debate.

QUESTÕES IDENTIFICADAS

Ao final de cada macrotema, apontamos as principais questões que aquela investigação permitiu identificar como pontos-chave para serem desdobrados.

REAL PROBLEMA

O real problema é aquilo que ao fim deste relatório identificamos como a base de todos os problemas identificados ao longo do estudo. Aquilo que está por detrás dos problemas óbvios, entre as questões identificadas.



PONTO DE PARTIDA

O QUE É

Um estudo autoral, pensado e desenvolvido pelo MEMOH, sobre **HOMENS E CUIDADO**.

QUESTÃO-INCÔMODO

Como estimular uma participação mais justa e necessária dos homens no cuidado?

OBJETIVO GERAL

Evidenciar o CUIDADO como um elemento fundamental nas reflexões sobre relações de gênero.

APOSTA ÉTICO-POLÍTICA

Aproximar os homens do Cuidado é a nossa maneira de contra-atacar o individualismo, o culto à violência, a falta de solidariedade.

OS HOMENS PRECISAM DO CUIDADO E O CUIDADO PRECISA DOS HOMENS



O QUE FOI FEITO



O QUÊ

:: 1 temporada do Podcast

:: 4 macrotemas investigados: Cuidado e Cultura, Cuidado e Juventudes, Cuidado e Paternidades, Cuidado e Saúde.



COMO

:: 17 episódios lançados;

:: 4 formatos distintos: Roda de Conversa, MEMOHFONE, MEMOHConvida e Homem de Fé.



COM QUEM

:: 5 especialistas entrevistados;

:: 14 convidados;

:: 17 contribuições da comunidade MEMOH.



relatório do estudo HOMENS E CUIDADO

O QUE APRENDEMOS

A partir daqui, nesta seção, vamos explorar todas as grandes falas, reflexões e aprendizados mais importantes que tivemos ao longo do nosso estudo por meio da temporada do podcast “Homens e Cuidado”.

Esta seção se divide de acordo com os macrotemas definidos para a pesquisa:

- :: Cuidado e Cultura;
- :: Cuidado e Juventude;
- :: Cuidado e Paternidades;
- :: Cuidado e Saúde.

CUIDADO E CULTURA

A política – e quando falamos de política estamos necessariamente falando de poder - hoje, é uma maneira pela qual os homens se beneficiam do trabalho do cuidado desempenhado pelas mulheres; as mulheres são socializadas não podendo desviar da responsabilidade do trabalho do cuidado, seja nas famílias ou em outros espaços; e os caras, por sua vez, são socializados pra não conhecerem o cuidado senão pela via do 'homem provedor', isto é, o cuidado que se faz através do suporte financeiro. Com isso, a gente encontra homens adultos que não sabem (e muitas vezes não querem ou aceitam) serem também responsáveis por outras formas de cuidado, inclusive de si mesmos.

Então quando a gente propõe uma conversa sobre cuidado como política é porque a gente quer fazer pensar e contribuir pra construção de uma sociedade do cuidado, onde não mais apenas as mulheres estejam responsáveis por esse trabalho tão fundamental. Essa é a nossa política. É pra esse lugar que a gente quer levar o debate sobre masculinidades.

Isabela Venturoza.



INVESTIGAÇÃO PRELIMINAR

A **sobrecarga da mulher e o lugar de subalternidade** socialmente atribuído ao cuidado foram os principais elementos percebidos nesta investigação prévia.

Antes do MEMOH, algumas instituições se interessaram pelo tema do cuidado, já visualizando sua dimensão intrinsecamente política. Uma delas, grande conhecida nossa, foi a Think Olga que no seu Relatório "Economia do Cuidado" de 2020 já afirmava:

"É urgente o rompimento da imagem hierarquizada, racista e estereotipada, que coloca o trabalho de cuidado em uma posição de subserviência."

Pedro Augusto Gravatá Nicoli e Regina Stela Corrêa Vieira, em um artigo pra Revista Cult, reforça isso trazendo o contexto da pandemia.

Considerando estas e outras referências, nosso desafio aqui, então, foi pensar um espaço ainda pouco explorado no Brasil que aproximasse homens e cuidado, sob uma perspectiva política. As principais referências no assunto ainda são econômicas ao falar dos homens (e apenas diagnosticam sua ausência). As demais referências são estrangeiras (em inglês, principalmente) e não são muitas também.



Ética
em
tempos
de
peste



66

"Essas atividades (tarefas de cuidado) são tradicionalmente feitas por pessoas em condição de precariedade, consideradas socialmente subalternas. Por mulheres, em sua absoluta maioria. Por mulheres negras, pobres. Como empregadas domésticas, diaristas, babás, cuidadoras de idosos, auxiliares de enfermagem"

Cuidado em Surto: da crise à ética | Revista Cult
Dossiê "éticas em tempos de peste" 2020



UMA JORNADA CONTÍNUA

Sobre o tópico da sobrecarga, um apontamento importante, feito no episódio do MEMOHConvida com a Nana Lima, dirigiu atenção pra jornada de trabalho de muitas mulheres, que não se trata somente de uma jornada dupla ou tripla, mas uma jornada contínua, “**porque principalmente as mulheres não estão deixando de trabalhar em nenhum momento da vida delas.**” (Nana Lima). O trabalho de cuidado não têm um fim, ele não têm uma carga horária fixa, ele está presente em todos os momentos que excedem o trabalho formal ou mesmo impedindo a possibilidade dessa pessoa ter um trabalho formal. E mesmo ocupando tanto o nosso tempo e sendo um elemento principal pra fazer a engrenagem da sociedade rodar da forma que roda hoje, ele é sequer percebido, quiçá valorizado.

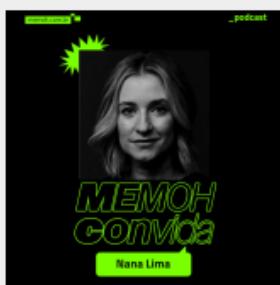
“o cuidado é o maior subsídio pra nossa sociedade funcionar”

“No Brasil, a gente fez esse cálculo e se a gente remunerasse essas horas desse trabalho que a gente fala não remunerado, invisível, não valorizado ele equivaleria a **11% do PIB** [...] Nem um outro setor/indústria do Brasil equivale a isso do PIB nacional. Quando a gente fala que o cuidado é o maior subsídio pra nossa sociedade funcionar como ela funciona é isso que a gente tá falando.”

Nana Lima (MEMOHConvida, 2023)



MEMOHConvida Nana Lima | EP #01



Como líder da Think Olga e Think Eva, Nana Lima foi uma das principais responsáveis por aprofundar o debate de Cuidado. Seu trabalho nas organizações foi premiado com o selo de Direitos Humanos da Prefeitura de São Paulo, bi-campeã do prêmio WEPs, da ONU Mulheres e finalista do Prêmio Caboré em 2021.



[Quer o Episódio?](#)



No primeiro episódio do Homem de Fé, um aspecto muito interessante da conversa entre o pastor Ronan Lima e o Babalawô Ivanir dos Santos foi a discussão a respeito do **cuidado integral**, esse cuidado que não se refere somente ao cumprimento de algumas tarefas, mas que é intrínseco ao cotidiano, à vida de algumas pessoas. Não há um momento específico em que ele possa ser realizado, nem dividido em segmentos, funções, porque sendo integral o cuidado, a ele tudo diz respeito.

"O cuidado tá muito além daquilo que a gente tá vendo, do que a gente tá ali observando, você tem que cuidar de forma integral. Na nossa prática é isso." (Babalawô Ivanir dos Santos)

E a relação com algumas religiões de matrizes africanas, neste caso o candomblé, nos convoca a pensar esse cuidado que é feito diariamente, quase imperceptivelmente, com uma atenção e um significado diferente do que vemos fora desse espaço religioso.

"O cuidado para muito de nós passa primeiro pela fé"

"Como líderes religiosos que somos, pudemos perceber que a fé nos estimula cuidar das pessoas e a ter uma **relação mais cuidadosa com os ambientes em que estamos inseridos**, a partir das relações que cultivamos. Nossas famílias são afetadas pelas relações com o meio religioso e Ivanir, especialmente, enfatizou como isso gera impacto no cuidar diário também."

Pastor Ronan Lima (Homem de Fé, 2023)

Homem de Fé Ivanir dos Santos | EP #01



O Babalawô Ivanir dos Santos é professor e Doutor em História Comparada pela UFRI, interlocutor da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa e criador do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas.

Pergunta-tema: *Como a fé impacta minha relação com o cuidado?*



[Quer o Episódio?](#)

Após toda a elaboração da investigação preliminar deste macrotema e da gravação dos episódios de MEMOHConvida e Homem de Fé, eis que surge uma nova referência que nos ajudou a pensar o eixo “cuidado e política” por um recorte diferente do que vínhamos fazendo. Então, para a construção do episódio do formato “Roda de Conversa” nossa principal referência foi o livro “La Masculinidad”, do escritor Daniel Jones, que traz o conceito “si pasa, pasa”, que basicamente se refere aos **mecanismos cotidianos para manter as desigualdades**. Esse conceito, que, inclusive, deu nome ao nosso episódio “SE PASSOU, PASSOU”, deu também a tônica da discussão dessa roda de conversa.



*“Nós homens cis-heteros evitamos sistematicamente tarefas que proporcionam pouca satisfação pessoal ou reconhecimento social, mas que são essenciais para sustentar uma dinâmica de grupo. [...] FUGIMOS dessas tarefas por conta da PRESUNÇÃO que serão realizadas por alguém - em geral, uma mulher - ainda que NÃO TENHA SIDO ACORDADO explicitamente com essa pessoa.”**

Daniel Jones (*La Masculinidad*, 2022)

“A Solução parece ser exercitar mais”

Propomos a partir daqui uma discussão que questiona e problematiza a participação dos homens nesse cuidado, no caso, uma não participação que é socialmente validada. Nós homens seguimos reproduzindo esse comportamento que não enxerga as tarefas de cuidado como uma responsabilidade nossa, a não ser que seja apontado por alguém. Como diz o Pedro em seu disparador de conversa, para percebemos isso no nosso dia a dia, precisamos exercitar o cuidado.

“Pra conseguir substituir o entendimento do Cuidado como algo sem valor, só como um fardo pesadão, a solução parece ser exercitar mais. Preciso ser mais disciplinado pra não deixar as colchas passarem até alguém pegar e fazer por mim. Isso não é um direito meu, nem de nenhum de nós homens.” Pedro de Figueiredo

* Tradução livre



Quem participou:

HOSTS



LINCOLN FRUTUOSO
Líder de Projetos
do MEMOH



PEDRO DE FIGUEIREDO
Diretor Executivo
do MEMOH

CONVIDADOS



FERNANDO CESPE
Pai da Thaís, Caseiro dos
Grupos Reflexivos do
MEMOH e fundador da
Casa Naara



ISMAEL DOS ANJOS
Pai do Cisco,
co-fundador do IDPN
e coordenador de "O
Silêncio dos Homens"



EPISÓDIO RdeC #01: Se passou, passou



Pergunta-tema: Por que, mesmo sabendo da importância pra promoção da equidade de gênero, eu ainda fujo das tarefas de Cuidado como o diabo foge da cruz?



Trilha do EP:
[Menino Mimoso
\(Criação\)](#)



[Dúvida
Enviada!](#)



O "se passou, passou" está presente na experiência masculina em diversos ambientes - no trabalho, na casa da mãe, na sua própria casa, em confraternizações familiares, etc - e a intensidade com que vivemos o "se passou, passou" muda de acordo com esse ambiente, nossa capacidade de ter iniciativa e assumir uma tarefa de cuidado em qualquer desses espaços é muito baixa. Sem um alerta, um chamado, um pedido deixamos passar.

"...J parece que é mais forte do que eu, quando eu passo da porta da casa da minha mãe ali, a gravidade muda mesmo"

Pedro de Figueiredo.

A vontade de fazer diferente (que é comum em espaços mais públicos, onde a "sociedade" nos vê) em alguns ambientes (os mais particulares) também passa. Percebemos então que nós homens somos dotados de uma possibilidade de escolha que nos leva sempre, ou quase sempre, a não fazer nada, ou fazer só em determinados lugares ou só determinadas tarefas - as mais fáceis e rápidas.



O "se passou, passou" na casa da minha mãe:

"É um lugar que evidencia o tanto que a carga mental e a cobrança feminina é a fagulha que bota a gente pra levantar a bunda e **superar a gravidade**. Nos ambientes em que a gente é cobrado e que a gente sabe que não vai passar incólume, a gente faz. Assim que deixa de ser cobrado, assim que o ambiente permite que a gente assuma outro lugar é muito cômodo e muito fácil voltar pro que a gente tava habituado." Ismael dos Anjos

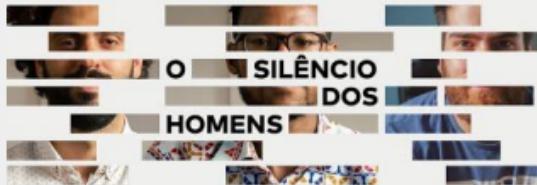


O famoso "migué"

"quando a gente vai pensar em tarefa doméstica, quantos homens são os que botam os lixos pra fora, trocam a lâmpada, tarefas que demoram 30 segundos, 1 minuto pra fazer, e não as tarefas de lavar, secar, dobrar... E a gente ainda faz esse rolê de escolher umas tarefas menores, mais práticas, mais rápidas pra poder falar "pô, fiz um monte de coisa". Beleza, a gente fez um monte de coisa em 30 minutos e a outra pessoa fica fazendo um monte de coisa por 3 horas. Acho significativo demais." Ismael dos Anjos

o real privilegio é:
a possibilidade de
NÃO FAZER





*"78% dos homens dizem que foram ensinados a se comportar de modos que não se pareçam femininos."**

aversão ao feminino

A educação dos homens na nossa sociedade é extremamente misógina ao tentar moldar o comportamento dos garotos sempre como um polo oposto ao das garotas. Homens e mulheres não podem ser semelhantes e parecer ser uma mulher, para um homem, é algo que afeta negativamente a sua dignidade, a sua honra porque afeta a sua masculinidade. Nesse sentido, se comportar de modos que se pareçam femininos é aquilo que o homem mais deve evitar, pra que continue sendo visto como um homem, gozando dos privilégios deste lugar. Quando a gente também vive em uma sociedade que associa o cuidado ao universo feminino, nos deparamos com uma das principais razões que explicam o afastamento dos homens do cuidado. E não só do cuidado, de tudo aquilo que faz parte desse "universo" e, assim, não coincidentemente vivemos a vida adulta presos num eterno "coisa de menino" e "coisa de menina". Uma verdadeira cilada. É a arapuca da qual o Ismael dos Anjos falou:



[...] se a gente for pensar o que quer dizer "modos que pareçam femininos" isso vai desde usar uma camisa rosa até cuidar [...] A gente criou essa arapuca de jogar quase tudo que nos faz eminentemente humanos pro feminino."

Ismael dos Anjos



Desarmando a Arapuca: a necessidade de estar vulnerável.

Se aproximar do cuidado é uma maneira da gente fissurar diariamente violências de gênero que são estruturais. Praticando o cuidado a gente não se aproxima do "feminino", a gente desempenha uma ação política e contribui pra deixar as fronteiras de gênero menos evidentes, menos marcadas e mais fluidas.

"[...] E o benefício é no território, porque a gente diminui a sobrecarga das mulheres, em todos os outros recortes de vivências delas, quando a gente começa a praticar isso livremente entre nós. Quando um homem exerce muito esse lugar, nesse núcleo social pequeno de cuidado, ele é deslegitimado como sendo um homem, né? [...] E então acho que tem um enfrentamento nosso nesse lugar, né? A gente exercer cuidado com o território e com a gente é quase que uma decisão estrutural de botar em risco o nosso pertencimento social linear enquanto homem, mas bancar isso para mim faz sentido." Fernando Cespe



CUIDADO, VULNERABILIDADE E VÍNCULO

Exercer o cuidado, contudo, não é tão simples, ou, pelo menos, não é tão intuitivo. Um dos pressupostos do cuidado é essa relação de interdependência com o outro e essa relação não se cria, e nem se mantém, se não houver vulnerabilidade e vínculo, principalmente quando isso não é exercido em nenhuma esfera social de relação. Aprender a estabelecer vínculos de cuidado com o nosso meio tem uma importância política acima de tudo, mas antes disso a gente esbarra na dificuldade que nós homens temos por não sabermos nos vulnerabilizar, falar da gente, aceitar que precisamos do cuidado como também podemos cuidar - de maneiras bastante diversas e em diversos espaços sociais.

LIDERANÇAS QUE CUIDAM?

"Eu penso numa dicotomia que tem no corporativo hoje que é [...] 'precisamos de líderes que cuidam' como que o cara vai ser um líder que cuida, se ele não cuida de si mesmo? Se ele não cuida da própria família, se várias vezes a empresa nem sabe quantos filhos tem, se mora com ele, quais as tarefas de cuidado que esse cara executa. [...] Porque não adianta nada eu ter um líder que cuida na empresa e que não cuida da própria família e que não cuida de si." Ismael dos Anjos



Funciona pensar o cuidado como uma meta a ser batida? Como mais um elemento performático do qual um homem possa se vangloriar e competir com outros? Pensamos aqui o quanto é importante o cuidado ser praticado por homens transversalmente, em diversas esferas, mas não como um check list que compõe um homem ideal. É necessário não simplificar ou esvaziar o entendimento de cuidado, mas entendê-lo como integral em nossas vidas, como essa coisa contínua que faz parte da nossa existência coletiva.



CUTUCADA:



"As Mulheres foram pro mercado de trabalho, [...] mas os homens não vieram pra casa"

*Milena do Carmo**

"Hoje a gente percebe claramente que há sim desigualdades de gênero flagrantes, mas que elas se entrelaçam profundamente com desigualdades raciais e de classe. Precisamos sim, que os homens voltem para casa e assumam de fato a sua responsabilidade pelo cuidado." Isabela Venturoza

"não sei nem se é voltar para casa, acho que pra muito homem pode ser ir para casa, porque a gente nem está para voltar." Ismael dos Anjos



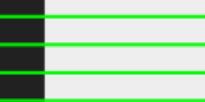
"Quando a gente se tornou pai, a gente se aproximou de outros pais, a gente não se aproximou de homens sem filho. [...] Então, como é que a gente convida mais homens sem filhos pra tá num lugar de cuidado de pessoas com filhos [...] pra diminuir a necessidade dessa carga tá em outros lugares, sendo terceirizada?"

Fernando Cespe



A Terceirização do Cuidado

A terceirização do cuidado cria um problema social sistêmico. Nos desviamos das tarefas de cuidado, com justificativas validadas socialmente, a partir de um pensamento muito individualizante, tudo muito motivado por "escolhas de masculinidades", como argumenta o Ismael dos Anjos no episódio, que são aquelas escolhas que o simples fato de sermos homens já permite que a gente se sinta à vontade pra tomar.

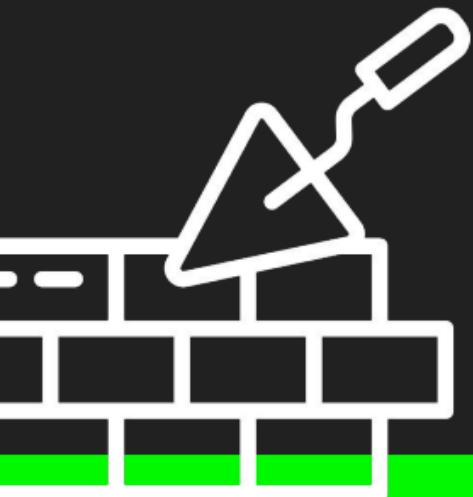


Uma grande questão é que quando usamos o nosso poder de escolha, nós só enxergamos o "EU", não nos preocupamos com o coletivo e nem o enxergamos como parte da solução.



O ato de virar uma laje: sobre o cuidado em comunidade

"A gente acha que virar uma laje não é cuidado, mas gente, tem muita gente que não tem um teto decente pra morar. E no momento de uma chuva, início do ano, isso é uma situação desesperadora. Falando da minha realidade também, eu morava numa rua aqui em Ramos que quando chove nesse início do ano, verão, alaga a rua, fica impraticável, já perdi móveis e entender essa solidariedade ali que é fomentada nesses momentos de desespero, como isso faz com que a gente estreite laços com essas pessoas. Quando chove eu tenho que ter o telefone do meu vizinho nos meus contatos." Lincoln Frutuoso.



MEMOHFONE: Alex Coelho, membro da Comunidade MEMOH selecionou este episódio como seu preferido exatamente por conta desta discussão e levantou a seguinte questão pra gente: em quais espaços coletivos vocês encontram esse lugar de cuidado com vocês mesmos?

Toda a discussão que surgiu a partir do relato do Lincoln nos fez pensar sobre como em algumas comunidades o cuidado já é exercido de maneira coletiva. Embora de uma maneira hegemônica, o individualismo tenha tomado conta e seja um grande obstáculo pra construção de vínculos de cuidado e, consequentemente, de uma sociedade que cuide, quando olhamos para recortes distintos de masculinidades vemos que eles permitem que homens se construam de maneiras diferentes entre si e isso gera formas diferentes de relação com o cuidado e manutenção de vínculos. Homens negros periféricos já desenvolvem uma relação de cuidado com a sua comunidade em algum nível. Esse exemplo a gente já têm e está próximo. Resta olhar com mais atenção e curiosidade para essas relações, talvez entender como fortalecer ou expandir essas experiências que já se dão na realidade.

"[...] esses cuidados fazem parte da noção de comunidade de homens negros do Brasil inteiro"
Ismail dos Anjos.



Práticas

- **PEGA E FAZ:** se eu sei que tem que fazer, é fazer. sem parar pra pensar muito, só vai e faz;
 - **UMA COISA FEITA É MENOS UMA COISA:** fazer uma tarefa de autocuidado que já tá enrolando pra fazer há mais de 3 meses;
 - **PRIMEIRA COISA DO DIA:** realizar uma tarefa de Cuidado como a primeira atividade do dia;
 - **VENÇA A GRAVIDADE:** saia da inércia e encontre um jeito de assumir e liderar alguma tarefa de encontro social (familiar, trabalho e comunidade).
-

Dica Cultural



"Quem vai fazer essa comida?"
Bela Gil (2023).

QUESTÕES IDENTIFICADAS



A POSSIBILIDADE DE NÃO FAZER

O nosso real privilégio, como já dito, é também a principal questão percebida aqui neste macrotema. Entendermos desde sempre que é possível nada fazer em relação ao cuidado valida toda a nossa inércia, e faz com que a gente nem se perceba nessa inércia. O privilégio de poder “deixar passar” está na raiz do problema da aproximação entre homens e cuidado. Atrelado a isso, identificamos outras questões também:



A gente não se enxerga como pessoas que precisam de cuidado: seja cuidando ou recebendo, o cuidado não aparece na nossa socialização como algo importante, como algo nosso.

Questão: Por que até hoje, nós homens, ainda não temos o cuidado ocupando um primeiro plano das nossas vidas?



O não cultivo de uma ideia de coletividade: estamos muito presos em nós mesmos. Num mundo cada vez mais individualista/neoliberal, perdemos muito com a falta de comunidade, com o não desenvolvimento de vínculos e de um senso de pertencimento masculino pautado pelo cuidado.

Questão: Como envolver homens na criação de uma comunidade do cuidado?



A misoginia presente no receio de cuidar: se evitamos as tarefas de cuidado porque entendemos que elas são “coisas de mulheres” e não queremos ser vistos como mulheres, temos um elemento misógino aparecendo aqui.

Questão: O quando o medo de não parecer homem pra sociedade ainda nos afeta?



CUIDADO E JUVENTUDE

Em 2022, um escritor britânico-estadunidense chamado Richard V. Reeves escreveu um livro intitulado Of boys and men: why the modern male is struggling, why it matters, and what to do about it (De Meninos e homens: por que o homem moderno está sofrendo, por que isso é importante e o que fazer a respeito). Reeves, que é diretor do Future of Middle Class Initiative, afirma que 'há jovens homens que sentem que estão sendo negligenciados e ignorados' e que 'isso cria um solo fértil para coisas ruins serem plantadas'. Embora sua perspectiva me faça pensar que as mulheres estão negligenciadas há séculos e não saíram por aí matando ninguém ou coisa do tipo, o autor não deixa de ter razão sobre o fato de que há uma disputa em curso, e é necessário perceber isso.*

Isabela Venturoza



INVESTIGAÇÃO PRELIMINAR

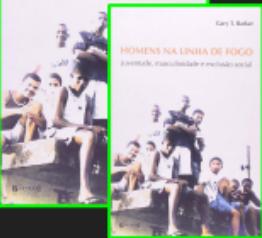
A principal premissa que apareceu em nossa investigação foi entender que os jovens precisam ser escutados ativamente para que assim, a gente consiga acessar as suas reais demandas. Isso foi o que guiou o início do nosso estudo sobre este macrotema.

Isabela Venturoza conseguiu aqui fazer um resgate de produções que já abordaram a juventude e o processo de construção de masculinidades desde a infância:

Um dos livros, "Criança não é risco, é oportunidade" [do Instituto Promundo] talvez seja aquele que nos dê uma perspectiva para como abordar a questão do cuidado com meninos e homens jovens: sair da perspectiva baseada em "situações de risco" e adentrar o campo das necessidades desses sujeitos, que são sujeitos de direitos. (Isabela Venturoza, 2023)



Encaralhos de frente, sem um olhar tutelado, desponta como uma via pra iniciar esse diálogo sobre cuidado com a juventude. Sem desconsiderar, é claro, todos os recortes que atravessam esse grupo, especialmente os raciais e sociais.



Gary Barker há alguns anos escreveu o livro "Homens na linha de fogo: juventude, masculinidade e exclusão social", no qual aborda questões relacionadas à violência, gangues, vulnerabilidade econômica, evasão escolar, criminalidade e sexualidade. Em 2021, os meninos eram 95,5% daqueles com medidas de restrição de liberdade. Quando falamos das mortes violentas, estamos também falando sobretudo de jovens do gênero masculino. Ser jovem, negro e pobre no Brasil é muito perigoso. Na outra ponta, ser jovem e branco não parece mais aproximado do cuidado como prática. Ao olharmos para os recentes casos de ataques em escolas, percebemos a necessidade de oferecer escuta a meninos de diferentes contextos sociais, para quem sabe no lugar da violência e da vulnerabilidade encontrarmos formas de valorizar o cuidado como ferramenta para a transformação social.



Nosso papo com o Daniel Costa Lima, entrevistado do MEMOHConvida que compôs este macrotema de juventude, abordou todos estes aspectos.

Uma postura já percebida como equivocada, geralmente adotada em pesquisas, campanhas, projetos com foco no juventude, é a de antecipar a agenda. Antes mesmo de entrar em contato com os jovens, já se têm determinado as pautas, os diálogos quais serão, as conversas e assuntos a serem explorados. Isso tende a não conectar. É preciso fazer os meninos entrarem de algum jeito nesse debate, mas não só partindo da nossa própria vontade.

Como o Daniel também aponta, "tem muito caminho ainda", entre avanços e retrocessos. Explorando esse mesmo assunto no episódio do Homem de Fé, com o Pastor Otávio Damichel, ele fala do discipulado como uma estratégia que pode ser usada buscando acessar os jovens de uma maneira que se alinha com essa busca ativa, que ao mesmo tempo não ignora os interesses desse grupo, e que é, inclusive, um jeito de se aproximar desses interesses.

A forma como os meninos entram no debate: “precisamos fazer uma busca ativa”

"A gente tem que partir de um lugar do desejo deles, do interesse deles, do que é que eles querem, e de mostrar também como esse modelo todo aí da masculinidade hegemônica é pra pouquíssimos, pra quase ninguém na verdade, e como ele traz muitos malefícios pra esses garotos também, né?"

Daniel Costa Lima (MEMOHConvida, 2023)

"eu acredito no discipulado como uma ferramenta de transformação"

"O discipulado nada mais é do que caminhar com as pessoas, quando Jesus chama 12 pessoas pra andar com ele, ele tá afunilando as suas relações, ele dialoga com a multidão, ele se dirige à multidão [...].

E é importante você fazer esse afunilamento às vezes, pra mim é o que têm feito sentido. Eu poderia fazer palestra, fazer conteúdo para a internet, mas quando eu olho de maneira mais eficiente, aquilo que têm mais dado resultado na minha trajetória é isso que eu chamo de discipulado, que é o caminhar com as pessoas."

Pastor Otávio Damichel (Homem de Fé, 2023)

MEMOHConvida Daniel Costa Lima | EP #02



Daniel é psicólogo com mestrado em saúde pública e desde os anos 2000 trabalha com questões relacionadas a masculinidades, violência baseada em gênero e paternidades. Ele já atuou em organizações não-governamentais importantes pro debate sobre masculinidades no Brasil, como o Instituto Papai, o Instituto Promundo e o ISER. Hoje, além de fazer um montão de coisas através da empresa Paternidades Equitativas, ele também atua no cuidado do Francisco, que tem 5 anos, e dos gêmeos Caetano e Luís, hoje com 3 anos.



Ouvir o Episódio

UMA JUVENTUDE CONSERVADORA

O conservadorismo entre os jovens foi algo debatido nos dois episódios - tanto no MEMOHConvida quanto no Homem de Fé - especialmente no que se refere às questões de gênero. Daniel Costa Lima falou de um atual reforço de estereótipos de gênero, de uma maneira geral na sociedade, que já havíamos superado, ou ao menos, tínhamos essa impressão: "[...] um fundamentalismo religioso crescente no Brasil que reforça papéis estereotipados de gênero, chás revelação, os meninos acessando cada vez mais materiais ainda mais agressivos, violentos e meninas cada vez mais brincando com boneca e coisa de purpurina e unicórnio." Só que isso não acontece do nada, além de uma análise do nosso contexto político/social (que a gente não realiza neste estudo, nos parece óbvio pensar que esse cenário precisa ser investigado pra se entender mais desse fenômeno), usamos o Homem de Fé pra pensar o papel da religião nisso tudo. O pastor Otávio Damichel, apontou a Igreja como a grande responsável por esse movimento que têm acontecido.



"Tem uma crescente conservadora muito grande entre a juventude, se antes essa era uma pauta de pessoas mais velhas, hoje em dia já não é mais categorizada de maneira etária. É difícil compreender esse fenômeno, mas eu acho que ele é um fenômeno de muita responsabilidade da Igreja. A Igreja tá trazendo novamente pro eixo do conservadorismo algumas pautas que já haviam avançado e saído da sua categoria e a questão de gênero é uma delas."

Pastor Otávio Damichel (Homem de Fé, 2023)

Homem de Fé Otávio Damichel | EP #02

Pastor Otávio Damichel

Homem de fé | Renato Lima

Pastor Otávio Damichel

DUAL A RELAÇÃO ENTRE CUIDADO, RELIGIÃO E OS HOMENS DAS NOVAS GERAÇÕES?

Otávio Damichel é pastor de uma igreja chamada "Coletivação", marketeiro gastronômico na empresa "Engajú", podcaster no "Conjunturas", pai da Rebeca, Marina e Olivia, marido da Renata e ainda escritor do e-book "O mito do Messias".

Pergunta-tema: Qual a relação entre cuidado, religião e os homens das novas gerações?



[Quero Escutar](#)



Quando a gente foi produzir o episódio de Roda de Conversa desse macrotema, a gente se permitiu olhar pra ainda outras questões um pouco anteriores ao cuidado de crianças e adolescentes, mas que se relacionavam com isso. No final do nosso EP 01 RdeC [“Se passou, passou”], nosso convidado Fernando Cespe, fez meio que uma convocação para nós homens nos aproximarmos do cuidado a partir da criação de uma rede de homens, que não exatamente precisam ser pais, pra ajudar outras pessoas que têm crianças ou que necessitam de algum tipo de cuidado. É o entendimento de que para estabelecer uma relação de cuidado com outras pessoas nós NÃO precisamos necessariamente ser pai ou ter algum vínculo biológico com ela.

“Como a gente convida mais homens sem filhos pra estar num lugar de cuidado de pessoas com filhos? [...] Como a gente cria uma rede de apoio contra essa cultura que só mulheres que cuidam?” Fernando Cespe.



POR QUE É TÃO DIFÍCIL ENTENDER O CUIDADO PARA ALÉM DE PATERNIDADES?



para além do vínculo biológico

educadores

profissionais de saúde

amigos e vizinhos

A desconfiança sobre os homens no cuidado de crianças

A partir daqui a gente revisitou dados sobre violências com menores da nossa investigação e entendemos a desconfiança como um elemento central, e pouco discutido, que existe nessa relação de homens no cuidado com crianças. Optamos, então, por fazer uma roda de conversa só sobre isso.



mais de **4** meninas menores de 13 anos
são violentadas por hora no Brasil*

mais de **80%**
das violências são cometidas por
homens próximos às vítimas

40,8% pais ou
padrastos

37,2% irmãos, primos
ou outro parente

8,7% avôs



Segundo a [ONG Memórias Masculinas](#): 3 horas é o tempo médio para que
ocorra uma violação sexual de um menino ou homem no Brasil



os próprios homens relatam se sentirem
aliviados por saber que não tem nenhum
outro homem participando diretamente
do cuidado de suas crias na
creche/escola

*"Queria muito confiar em outros homens e não me sentir tão "pisando em ovos" por
cuidar das crianças que eu amo. Mas não consigo! E, como falei, é isso mermo! Nós
é que lute! Se tá assim, foi porque boa parte desses problemas aí foram causados
pela gente. Então a gente tem que ser confrontado mermo e entender que esse
olhar de desconfiança é parte do processo. Ah! E o principal, não podemos deixar
que essa parada nos imobilize. LEVANTA E ANDA!" Lincoln Frutuoso*



Quem participou:

HOSTS



LINCOLN FRUTUOSO
Líder de Projetos
do MEMOH



PEDRO DE FIGUEIREDO
Diretor Executivo
do MEMOH

CONVIDADOS



ANDRIO ROBERT
Mestre e Doutor em
Educação pela UFPR,
Editor de Conteúdo no PdH
e Diretor no Nalona



CAIO CESAR
Criador, Roteirista,
Produtor no Anime
DICRIA e Caseiro de
Grupos Reflexivos



EPISÓDIO RdeC #02: A confiança como premissa pro cuidado



Pergunta-tema: *Como estimular que meninos se aproximem do cuidado se eu não confio em meninos e homens para assumir o papel de cuidador?*



Trilha do EP:
[Amparo das Mulheres \(Graziano Castro\)](#)



[Ouça o](#)
[Podcast](#)

"O corpo que não tem limites"

**corpo apto
pro cuidado**

corpo gay entendido como
um corpo "feminino"



**corpo
ameaça**

corpo gay relacionado à ideia
de perversão e pederastia



**corpo
ameaça**

corpo hétero que por si só é
tido como um risco

"As pesquisas na área de educação infantil, elas vão mostrar que rola toda uma performance de desconfiança desse homem quando ele adentra a educação infantil porque primeiro vai se ficar pensando "**esse cara é gay pra ele tá na área do cuidado?**?" Andrio Robert



A não confiança socialmente estabelecida sobre a participação dos homens na educação de menores é na maioria das vezes justificada por um discurso que possui uma base biológica. O mesmo discurso que valida uma organização social pautada na divisão de gêneros: homens trabalham e protegem, mulheres cuidam e dão amor. Impressionante perceber que essa lógica tá impregnada na nossa cultura e ainda parece ter muito efeito sobre nós, ainda que seja insuficiente pra explicar nossas relações.

A erotização do perigo

"Tudo aquilo que é o mais vangloriado nas masculinidades, que é então ser super sexual, que é ser super viril, é o que mais vai gerar medo dentro do campo da educação porque aí se você pensa que esse corpo é um corpo que ele têm uma excitação diante de qualquer corpo porque ele é super sexualizado, ele sempre está pronto para o ato sexual, as pessoas imaginam que diante de uma criança, por exemplo, nua pra fazer a troca de fralda, de roupa, dar um banho, esse homem ele não vai conseguir se controlar. Então, o que é mais desejado de um homem ser, enquanto um super masculino, hiper masculino, é também o que mais gera medo nas pessoas." Andrio Robert



CUTUCADA:



[...] Os meninos não crescem vendo homens como exemplo nessas profissões relacionadas ao cuidado ou a trabalhos que envolvem habilidades menos focadas em força física e mais atreladas à habilidades verbais e de escrita, por exemplo.

Isabela Venturoza

"o professor é visto até agora, as pessoas olham a imagem da educação como uma área do qual esse sujeito que tá ali dentro ele precisa tá meio que assim, voluntário, ele tá fazendo por amor. Então, ele ganha pouco mas ele tá fazendo por amor, porque é uma missão dessa pessoa. Então, como a área do cuidado é relegada a um dom, a uma missão de vida e não como uma área de importância pra sociedade, aí têm essa desvalorização. A gente vai colocar homens num lugar que a gente acha que é mais importante. Mulheres ficam aqui nesse lugar do cuidado que precisa alguém ficar com as crianças enquanto os homens tão mudando o mundo. Não consigo enxergar uma profissão relacionada ao cuidado que seja super valorizada financeiramente."

Andrio Robert



O CUIDADO É POUCO VALORIZADO EM TODOS OS LUGARES

"o cuidado mesmo em profissões que não exigem o "cuidado" ele é fundamental pras práticas, para as relações, e pensar como isso tá de fato ligado a trabalhos ditos femininos e trabalhos ditos masculinos ne? [...] Não precisa ter necessariamente um ambiente pensado para o cuidado. Todos os ambientes são pensados para o cuidado, seja na escola, em casa, no trabalho."

Caio Cesar



Percebemos que a não-valorização do cuidado se estende pra todo o mercado.

O pesquisador Richard V. Reeves, em [entrevista à NPR](#), fala do crescimento do número de mulheres nos setores da economia conhecido como STEM (science, technology, engineering and math) nos Estados Unidos. O mesmo não rola com os homens nos setores HEAL (heath, education, administration and literacy). Quase não se vê professores, psicólogos, conselheiros em casos de abuso de substância, professores no acompanhamento de crianças com necessidades especiais, entre outros profissionais dos setores HEAL.

Em uma [reportagem](#) pro Fórum Econômico Mundial, Katica Roy, fundadora da Pipeline Equity, conta que nos EUA as mulheres são 95% da força de trabalho do cuidado remunerado e esclarece que quanto mais mulheres em uma área profissional, mais baixo os salários. **Onde os homens entram, os salários crescem; onde as mulheres estão, os salários caem.**



"Só a prática de cuidar vai naturalizar esse lugar pra nós"

"Eu olho, por exemplo, casos de violência contra criança praticados por homens próximos, avós, tios, pais e **esses caras não estavam cuidando dessas crianças em momento algum**. Não é como se você deixasse uma criança sob os cuidados de um cara e a partir disso ele abusasse daquela criança, muitas vezes esses casos acontecem num momento específico, num momento em que alguém não está olhando, uma pessoa que não exerceu cuidado algum sobre aquela criança em momento nenhum. [...] Não é como se fosse delegasse o cuidado a alguém e a partir disso ele vai abusar." Caio Cesar



O elemento da desconfiança ele retorna quando a gente pensa que pra naturalizar o cuidado realizado por homens, ele precisa ser ao mesmo tempo praticado. Mas como confiar em homens pra realizar essas práticas? Mesmo vendo que os homens que cometem abusos de menores em sua maioria não se tratam de homens que estavam sob a responsabilidade de cuidado, isso não elimina a desconfiança, afinal, entregar crianças aos cuidados de um homem adulto não seria facilitar as coisas? Isso permanece pairando como um medo muito legítimo.

Em contrapartida, pensamos também que somente uma formação que prepare meninos e meninas pro cuidado, vai conseguir a longo prazo desfazer essa desconfiança. Porque não é mesmo um sentimento simples que possa ser transformado de um dia pro outro. Ainda assim, isso não pode servir como pretexto pra homens nem sequer tentarem. É uma mudança a longo prazo mas que precisa ser iniciada agora. Se acomodar com o discurso "não confiam em mim pra isso" não é uma opção.

A OCASIÃO FAZ O LADRÃO?

"Pensar nessa formação do cuidado pra todas as pessoas desde a infância. **Não haverá uma oportunidade que fará a ocasião, porque não haverá nem uma oportunidade**, porque não verá aquilo como uma ocasião ou como uma oportunidade. Mas aí, é isso, é tentar pensar como que a gente reduz danos na realidade agora, porque é urgente que agora algo seja feito e ao mesmo tempo como que a gente começa a pensar na formação de cuidado de todas as pessoas desde a infância, porque aí não recai sobre mulheres ensinarem o cuidado para crianças, não só a família, mas todos os espaços." Andrio Robert



Práticas

- **CUIDADO É COMPROMISSO:** ler em dupla/grupo o livro "Tudo sobre o Amor" da Bell Hooks;
 - **CONVERSE:** estimular espaços de troca sobre cuidado, especialmente, com homens jovens;
 - **VIRAR O PESCOÇO:** observar os espaços de cuidado para perceber a proporção de mulheres e homens.
-

Dica Cultural



CLOSE
Lukas Dhont, 2022.



BROKER
Kore-eda Hirokazu, 2022.



QUESTÕES IDENTIFICADAS



A CONVENIÊNCIA DO NÃO SABER CUIDAR

É comum que muitos homens quando colocados sobre a responsabilidade de cuidar recebam olhares de desconfiança e críticas sobre a sua execução. Mas usar isso como um argumento para se acomodar e não se aproximar do cuidado é uma atitude que impede qualquer avanço. Embora essa seja a nossa principal questão identificada neste macrotema, ela não é a única:



A lógica biologizante: o cuidado é um elemento central da desigualdade de gênero em nossa sociedade, por ser extremamente naturalizado para as mulheres e inusitado para os homens. Essa naturalização diz muito sobre o peso que o argumento biológico que diferencia homens e mulheres têm pra nossa construção social, porque além de tudo, são argumentos reificados pela nossa cultura: religião, meios de comunicação, educação.

Questão: Como pensar a praticar o cuidado para além dos papéis de gênero socialmente estabelecidos?



A falta de referências: atrelado à questão anterior, o cuidado é pouco ou quase nada valorizado socialmente. Meninos crescem sem referências de outros homens ocupando esses espaços e entendem desde cedo que esse não é um lugar pra eles, mas para as meninas. A falta de uma educação que estimule e naturalize o cuidado para os homens é um problema gigante, que gera inclusive a ideia de que é possível não cuidar, problema identificado no macrotema anterior.

Questão: Como eu posso, apesar de toda a minha criação, ser hoje uma referência de cuidado para meninos?



CUIDADO E PATERNIDADES

O mundo no qual vivemos hoje não estimula paternidades cuidadoras, seja por conta de como retrata a maternidade e a paternidade ideais, colocando as mulheres como mais capazes do que os homens no cuidado, seja por questões de ordem material (licença-paternidade, insegurança econômica etc.), que tem um efeito também sobre a saúde mental das mães, que se veem sobrecarregadas desde o início do processo parental.

[...] o imaginário e a prática em torno das paternidades só pode se transformar se o tema for discutido entre os homens sistematicamente. A reflexão e a responsabilização seguem sendo nossas grandes ferramentas na alteração de um cenário que não irá mudar da noite para o dia.

[...] Em algum lugar aqui, entre o início e o fim, talvez também nos esbarremos com o ressentimento que acompanha a experiência de pessoas com paternidades (e provavelmente não só no Brasil).

Isabela Venturoza



INVESTIGAÇÃO PRELIMINAR

Nesta investigação preliminar foi revisto muita coisa que já havia sido discutida no nosso estudo, afinal, muito do conteúdo que temos produzido de maneira geral sobre homens e cuidado estão vinculados à paternidade. Como um ponto central e relacionado às nossas questões identificadas no macrotema anterior, aqui a gente segue percebendo a importância de meninos verem, desde cedo, homens envolvidos em tarefas de cuidado, para que entendam que esse é um lugar possível de ser ocupado também.

"Aos homens não cabe apenas a garantia de sustento da família. Homens também cuidam! [...] É muito importante, nesse sentido, considerar que meninos interagindo com homens jovens e adultos em situação de cuidado (pais, irmãos, primos, tíos, avós e amigos da família), provavelmente perceberão com maior naturalidade a possibilidade de desempenhar essa tarefa no futuro. Em outras palavras, a maior participação dos homens no cuidado das crianças pode fazer toda diferença no processo de educação de filhos e filhas. Além disso, cuidar também faz bem à saúde de quem cuida." Homens também Cuidam (UNFPA / Instituto PAPAI - 2007)



Em contraponto, recortes raciais e sociais, nos mostra que alterar isso vai além da simples conscientização e decisão de cada pai de mudar. Nesta matéria da Aline Boueri ela também cita o Daniel Costa Lima pra falar desse assunto:



Daniel Costa Lima observa que não é possível dissociar o desejo de exercer uma paternidade mais cuidadosa dos privilégios que permitem esse exercício a parte dos homens. "Essa paternidade envolvida, da qual a gente tanto fala, é pra quem quer ou é pra quem pode? Não é somente uma questão pessoal, ainda que seja óbvio que é preciso haver o desejo de participar do cuidado de filhos e filhas. Mas muitos homens que desejam não conseguem. Homens trabalhadores, que trabalham sete dias por semana, na informalidade, muito longe de casa, que são homens negros – e também é a realidade de mulheres negras – têm menos possibilidade de estar com filhos e filhas.

"Paternidades" queimando a largada

Paternidades foi um tema que apareceu no nosso estudo bem antes do previsto. Nos episódios sobre "política" e "juventude" diversos tópicos sobre paternidades já apareciam. Pra definir a abordagem a ser utilizada no macrotema "cuidado e paternidades" olhar pra trás foi fundamental.

Afastamento entre homens "sem filhos" dos amigos "com filhos"

"Quando a gente se tornou pai, a gente se aproximou de outros pais, a gente não se aproximou de homens sem filhos."

Fernando Cespe (EP #01 Roda de Conversa)

Paternidades e Realidade Social

"essa paternidade é pra quem quer ou pra quem pode? essa paternidade é possível pra qualquer homem aqui no Brasil? Como é que acontece com um homem, com um pai negro que mora na periferia, que ganha um salário mínimo, que têm que sair de casa antes do sol nascer e ele volta pra casa o sol já se pôs, já é 20h, 21h da noite e ele trabalha de segunda à sábado, como que fica essa paternidade participativa? E obviamente a mesma pergunta têm que ser colocada em relação à maternidade pensando em mulheres periféricas e negras também, porque senão a gente fica nesse papo muito classe média, a gente fica num papo achando que apenas o desejo das pessoas vai fazer a mudança e a gente termina caindo na verdade num risco muito grande que é de culpabilizar essas pessoas, esses pais e essas mães que não conseguem ser esse pai e essa mãe presente, cuidador todo bonitinho formatado, porque simplesmente não têm condição de fazer isso."

Daniel Costa Lima (EP #02 MEMOHConvida)

O pai como referência de cuidado

"O exemplo do pai fazendo isso. As figuras masculinas na vida dessas crianças saberem cuidar, saberem dividir, e não pedirem um troféu, uma estrelinha dourada ali porque fizeram esse trabalho. Realmente, a gente normalizar. A criança não vai estranhar se o pai tá na cozinha cozinhando, se o pai tá lavando louça, se o pai tá buscando na escola, se o pai tá lavando roupa, se o pai tá se dedicando a tarefas de cuidado."

Nana Lima (EP #01 MEMOHConvida)

Movimento de Homens pelo aumento da licença à paternidade

"É inadmissível que num País como o nosso a discussão sobre licença parental esteja tão estacionada quanto tá."

Ismael dos Anjos (EP #01 Roda de Conversa)



Mais de 100 mil crianças não receberam o nome do pai em 2022

"Os cartórios de Registro Civil do Brasil mostram que nos 7 primeiros meses deste ano, 100.717 crianças foram registradas sem o nome do pai. Em 2022, foi registrado o menor número de nascimentos para o período desde 2016, totalizando 1.526.664 recém-nascidos, ou seja, 6,5% do total de recém-nascidos no país têm apenas o nome da mãe na certidão de nascimento."

Agência Brasil (2022)

Dados nos apontavam para a realidade da ausência paterna no Brasil e os memes nos diziam "estranho mesmo é ter pai presente".

Na internet, pai presente é um tópico sensível...

pai ausente: trauma
pai presente: trauma

bom dia..

9:15 · 09 ago 20 · Twitter for

As vezes tenho que parar e lembrar que esse site crucificou uma pessoa pq o pai dela comprou sorvete pra ela

161 Visualizações

☀️ ATENÇÃO ☀️ Você que tem
pai 🙄🙄🙄 presente ✘✘ estás
proibido ❌❌ falar bem 💬💬
ou amar ❤️❤️ seu PAI ! ! Sua
obrigação 🙄🙄 é odiar 😡😡😡
seu pai 😭😭😭 pois muitas
pessoas 😣😣😣 não tem ➡PAI 😭
😭😭😭 tenha empatia ➡➡➡

Não se pode ter pai presente aqui no
twitter: sujeito a cancelamento ❌

7:05 · 19 jan. 24

Twitter for

terei q pedir perdão por ter pai presente 😞

19:55 · 11 jan. 24 · 28 Visualizações



Como vimos, ao longo da produção de todos os EPs desta temporada, o assunto paternidades já andou aparecendo bastante e diversos tópicos muito importantes foram discutidos. Mas ao mergulhar no macrotema "cuidado e paternidades" sentimos que era o momento de falar de um aspecto pouco discutido: o ressentimento, extremamente presente (embora pouco legitimado socialmente) na relação de muitos pais e filhos.

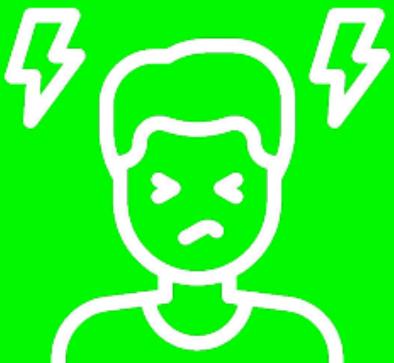
Pra parte 1 do episódio da nossa Roda de Conversa sobre 'cuidado e paternidades', convidamos uma galera que não guarda muito ressentimento em relação aos seus pais. Embora reconheçam as ausências na vida deles e tenham uma visão crítica das paternidades, eles não carregam mais o peso do ressentimento, com exceção do nosso host Pedro de Figueiredo.

"FEIO, BOBO E CHATO"

"Falar desse ressentimento, um sentimento que é tão negligenciado, por ser entendido como algo "feio, bobo e chato", que não pode existir ou que precisa ser trabalhado e de alguma forma a gente entende que esse ressentimento ele marca a nossa história, marca a nossa trajetória e que isso não tem como ser negado." Pedro de Figueiredo



O ressentimento atravessa essa relação e marca - no corpo, na subjetividade e tem sido muito presente nessa relação - de forma generalizada, por motivos diferentes



Quem participou:

HOSTS

**LINCOLN FRUTUOSO**Líder de Projetos
do MEMOH**PEDRO DE FIGUEIREDO**Diretor Executivo
do MEMOH

CONVIDADOS

**JOÃO HUGO CERQUEIRA**um dos idealizadores e
coordenadores do Centro
de Cultura e Acolhimento
LGBTQIA+ Casa Aurora**HUMBERTO BALTAR**Professor, educador
antirracista, tradutor,
palestrante, consultor
étnico-racial, escritor
e idealizador do
coletivo Pais Pretos
Presentes

EPISÓDIO RdeC #03 | PARTE 1
Ressentimentos entre Pais e Filhos

MEMOH
podcast

**RESSENTIMENTOS
ENTRE PAIS E FILHOS**

PARTE 1

Pergunta-tema: *Como meus ressentimentos pelo meu pai afetam a mim enquanto cuidador?*



Trilha do EP:
Enrico Tavares
KondZilla - Lemme



Ouça o
Episódio!



"Falar de paternidades é um lugar de dor"

"Falar de paternidades é um lugar de dor, né? Tanto como filho, como enquanto pai eu vejo que é um lugar de dor porque a paternidade ela é marcada por ausências. E mesmo quando a gente entende essas ausências, que é o meu caso, eu tive um pai provedor que me deu uma ótima educação, me deu roupas, me deu brinquedos, mas ele também não disse "eu te amo", não conversava comigo sobre os meus anseios, dúvidas, frustrações, questões. Porém, eu não guardo ressentimento por isso porque eu entendo que **o contexto em que ele foi criado não favorecia esse tipo de paternidade.**" Humberto Baltar



"Meu pai foi no limite do que ele poderia fazer"

Começamos ponderando bastante. Reconhecer que, de fato, não vivemos em uma sociedade que estimula essa ausência dos pais, e ainda lembrar que a sociedade dos nossos pais viveu isso ainda mais intensamente. Faltou sim ferramentas e repertório também. É preciso sim olhar pro contexto e pra estrutura, as críticas não podem simplesmente desconsiderar isso. Além do que, as paternidades elas não são iguais, quando a gente pensa uma paternidade saudável, facilmente a gente cai numa cilada de unificar a coisa, criar um padrão que vai ser inalcançável, e portanto, excludente, pra uma série de homens por conta de recortes de raça, classe, orientação etc.

Isso tudo não é uma passada de pano, são premissas básicas pra gente começar a discutir. Se esse cenário tá dado, o que a gente faz com ele? Pra onde a gente vai? A partir daqui reflexões são possíveis.

"Quantas vezes a gente já se culpou pelos comportamentos que nossos pais deixaram atravessados nos nossos corpos, nas nossas vivências, nas nossas faltas de afeto. Como isso impacta hoje nas nossas relações com nossas companheiras ou companheiros?" João Hugo



"Eu vejo uma cultura problemática e não uma pessoa problemática. Cabe até uma análise da sociedade como um todo porque sobre várias questões, não só essa da paternidade, a tendência é focar no indivíduo, no local e não no global"

Humberto Baltar



"Sempre vem a coisa da provisão que, pra mim, eu sempre enxergo como uma "sofisticação da babaquice". Porque é isso, assim, a gente já sabe, já têm dados que dizem que mais da metade dos lares no Brasil são chefiados por mulheres, então cadê a coisa da provisão? A coisa da provisão se dilui, pra mim, enquanto homem, é sempre uma desculpa pra não me aproximar do cuidado mesmo." Lincoln Frutuoso



"é sempre uma desculpa"

O esforço deste episódio foi reconhecer o peso das estruturas e contextos sociais nas paternidades, sem se satisfazer com isso. "Tá, mas e aí? Eu preciso perdoar? Eu preciso ser grato?"

Não só é bem vindo, como é necessário que a gente se indigne. A gente entende os porquês, mas já há muito eles não são suficientes.

**Pedro, o único ressentido do rolê:
"FOD****!"** 

Aceitamos qualquer migalha afetiva? Por quê?

"Tem esse lugar da gente querer ser amado por essa pessoa e acabar de alguma forma, aceitar qualquer migalha... nesse lugar de qualquer manifestação, qualquer demonstração mínima ali de que ele nos ama. "ah não, mas oh, apesar do sistema ter feito isso com ele, essa coisa estrutural de distanciar homens do cuidado e tal, aí oh, ele botava o dinheiro, ele atendia dentro das limitações dele."

Pedro de Figueiredo



"Não quero passar pano nem a nível histórico"

"Pra além do individual, pensando na questão social, eu acho que esse "fazer as pazes", no final das contas, passa a mensagem de que tá tudo bem você ser um idiota que não se responsabiliza, porque aquilo autoriza a pessoa a se desresponsabilizar. Esse

"fazer as pazes" ser tão possível e ser tão disseminado, tão manifestado, essa coisa do tipo "ele atendeu às limitações dele, o repertório que ele tinha e tal" **isso acaba, muitas vezes, autorizando essa desresponsabilidade, autorizando a pessoa a não se preocupar com isso.** Acho que isso do ponto de vista do debate coletivo é nocivo, não sei qual o efeito positivo que isso traz. Pensando no debate coletivo e social que a gente tá querendo promover aqui né, é um incômodo particular meu, mas que precisa ter essa dimensão social, estrutural, coletiva."

Pedro de Figueiredo



Para este macrotema, a gente não realizou o formato de MEMOHConvida e nem o Homem de Fé. Mas a gente fez uma segunda parte desse episódio sobre "Ressentimentos entre Pais e Filhos" com novos convidados, convocamos, então, o bonde dos ressentidos! Só quem tinha alguma questão com o pai foi convidado pra aprofundar a discussão já iniciada e servir como contraponto dessa primeira parte. Vejam a seguir.



MEMOHFONE

Tadeu Vidal, membro da nossa Comunidade e criador do Grupo Reflexivo "Projeto Desvio" deu o ar da graça no nosso MEMOHFONE #03 - especial sobre paternidades - e deixou sua contribuição. Ele falou da relação conflituosa que tem com o seu pai e ressaltou dois aspectos: **a falta de comunicação** (a dificuldade do pai de se vulnerabilizar e conversar) e **a violência do pai** (que pouco consegue expressar suas emoções senão pela linguagem da violência). Em alguma medida, Tadeu abriu pra gente que essa relação com o pai está carregada de ressentimentos e o afeta enquanto homem.



[Pode ouvir](#)



Quem participou:

HOSTS



ABEL OLIVEIRA

Gestor de
Comunidade do
MEMOH



PEDRO DE FIGUEIREDO

Diretor Executivo
do MEMOH

CONVIDADOS



CAIO CESAR

Criador, Roteirista,
Produtor no Anime DICRIA
e Caseiro dos Grupos
Reflexivos do MEMOH



FÁBIO MARIANO

Professor,
Pesquisador de
Gênero e
Diversidades,
Secretário Geral da
PUC-SP



EPISÓDIO RdeC #03 | PARTE 2 Ressentimentos entre Pais e Filhos



Pergunta-tema: *Como ser compreensivo com o contexto vivido pelo meu pai, sem ser permissivo com a distância que ele teve das responsabilidades do cuidado?*



Trilha do EP:
[Oscar Oliveira](#)



Ouça o
Episódio!



A estrutura não pode ser uma desculpa pra inércia

[...] jogar tudo na conta do “estrutural” e compreender o contexto, limitações e falta de repertório que nossos pais tiveram não me parece algo construtivo pra fazer a gente se mexer, sair da inércia e, de fato, se comprometer a se aproximar do cuidado - tanto individualmente quanto socialmente. [...] E isso tudo ainda faz com que esse “recuso”, de apelar pra estrutura, seja possível de ser utilizado até hoje, porque, cá entre nós, o que mais tem, ainda hoje, é homem que “não aguenta” e “precisa de um tempo”... **afinal, o contexto mudou muito pouco, né?** O homem em geral continua não tendo o menor incentivo pra assumir suas responsabilidades de cuidado, salvo exceções.” Pedro de Figueiredo



A NÃO MOBILIZAÇÃO PERANTE O CONTEXTO SOCIAL

Aqui fazemos sempre o esforço de um argumento legítimo não invalidar outro tão legítimo quanto. É importante levar em consideração a realidade social de cada pai, que no sistema em que vivemos, não é uma mera desculpa, é um problema a ser enfrentado. Mas talvez o nosso problema real aqui seja não fazermos esse confronto à estrutura e não buscarmos coletivamente melhores condições para que nós homens possamos exercer o cuidado. Aqui a gente se acomoda em dizer “é um problema estrutural” e esquecemos que a estrutura pode e deve ser modificada.

Nossa discussão invadiu aqui o campo das responsabilidades dos filhos com os pais: um filho tem que cuidar do pai na velhice e/ou na doença? É o filho a pessoa responsável por fazer as pazes e ensinar seu pai a ser pai?

Toda a nossa discussão caminhou muito no sentido de validar mais as mágoas que filhos podem sentir em relação aos pais. Esconder esse sentimento, camuflá-lo, parece contribuir mais pra naturalização desse problema. Pra resolver o problema ele tem que tá visível. Talvez seja o momento de deixar transbordar nossos ressentimentos, sem se constranger com isso.

“Eu, que não tive afeto, que não tive um pai responsável pelo cuidado que um filho demanda, ainda tenho que assumir essa bronca de “resolver as coisas”. Maluquice!” Pedro de Figueiredo



“Uma ajuda humanitária é uma coisa...”

“Eu decidi: não vou cuidar de ninguém [...] De fato, eu não sou uma pessoa ruim. Mas não vou fazer nada pra ele [meu pai], não vou me movimentar sem que eu tenha feito pras outras pessoas igualmente, porque, pra mim, ele estava no mesmo tipo de relação: uma ajuda humanitária é uma coisa, mas uma ajuda como um filho que vai cuidar do pai, de um pai que foi ausente que nunca fez nada, eu não queria.”

Fabio Mariano





CUTUCADA:

Como lidar com a pressão familiar pra você ter contato com uma pessoa que nunca quis ter contato com você?

Helen Menezes

As Relações Afetivas

"Relações familiares criam obrigatoriedades que relações afetivas não criam. E relações afetivas você pode tranquilamente colocar aquele parente que você não gosta, aquele amigo que você gosta e assim por diante, porque você faz o seu arranjo. E isso é muito tranquilo, especialmente pra uma pessoa que é LGBT, que, muitas vezes, escolhe a sua família, escolhe os seus afetos, escolhe como quer viver, por exemplo, como quer se socializar, diante de uma ausência que foi afetiva, de uma ausência que foi econômica, social, cultural." Fabio Mariano



"SE VIRA E APRENDE!"

"Ninguém precisa me ligar e falar "Caio, vai lá ver sua mãe", "Caio, cuida da sua mãe", se eu tiver que parar a minha vida como um todo pra cuidar da minha mãe eu vou fazer isso sem que ninguém me obrigue, então, só o fato de haver uma obrigação já demonstra que houve uma relação que não foi construída, e que é isso, não foi construída porque muitas vezes não se quis construir. [...] Senão vira meio que a desculpa perfeita, né? "ah eu não fui seu pai porque ninguém me ensinou", se ninguém te ensinou, se vira e aprende [...] Mais uma vez, a construção social ela é muito importante, mas acho que até certo ponto só." Caio César



Caio nos fala sobre um aspecto que é a construção de vínculos, que foi discutido no EP "Se passou, passou". Numa relação com vínculos construídos, o cuidado deixa de ser visto como uma obrigação. Ele é genuinamente assumido.

O que entendemos com isso é que as responsabilidades de pais e filhos quanto a esta mesma relação são diferentes. Nada impede um filho de se esforçar pra construir uma boa relação com seu pai. Mas essa é uma possibilidade tão válida quanto a de não querer fazer isso.

Porém, a gente tá ligado em como é pesada a pressão social pra que essas responsabilidades se invertam. Tem um peso moral acima de tudo que dificulta ainda mais o avanço dessa pauta e dessa discussão.



Práticas

- **SE APROXIME DE UM PAI:** procure um pai que você considere legal e tente ficar próximo, de se colocar como rede de apoio;
 - **SE APROXIMAR DE UM “PAI”:** procure um pai que você NÃO considere legal e busque trocar sobre cuidado com ele.
-

MEMOHFONE: Vinícius de Moraes, membro da Comunidade MEMOH, enviou um áudio pro episódio #03 do MEMOHFONE contando das suas relações com seus dois pais - um biológico e outro afetivo - diferenciado-as e trazendo os ressentimentos oriundos dessas relações. Vinicius também aproveitou para nos sugerir um tema pra ser discutido em algum próximo episódio ou temporada: as paternidades atípicas. E ele não foi o único! Teve muito MEMOHzão pedindo esse tipo de conteúdo. De fato, neste estudo sobre cuidado não conseguimos entrar nessa discussão mas estamos atentos aos pedidos de vocês, essa temática vai ser explorada em algum momento.



[Download](#)



QUESTÕES IDENTIFICADAS



O “SARRAFO” É MUITO BAIXO

Quando olhamos para as experiências de pais e filhos, vemos que aqueles pais que consideramos “bons” pais não fazem o mínimo do que é esperado que uma mãe faça. Como alcançar equidade de gênero se o papel exigido de um homem e de uma mulher no cuidado com o filho é tão discrepante? Não têm como esperar que homens sejam pais responsáveis se o sarrafo tá tão lá em baixo, e isso ainda seja naturalizado. É tanto que nem os sentimentos de mágoa que um filho possa ter pelo seu pai diante de suas ausências vai encontrar validação social, porque se ao menos você teve um pai que te sustentou você automaticamente já “está reclamando de barriga cheia”.



A possibilidade de ausência: são diversas as possibilidades de ausências experimentadas pelos homens na criação de seus filhos e isso é bastante legitimado socialmente quando fazemos diversos malabarismos para compreender as razões de nossos pais e também quando não validamos o sentimento de ressentimento que essa relação nos provoca. Isso, nos parece não contribuir para a responsabilização e mudança de comportamento dos pais nesse processo. Acaba sendo sempre muito confortável e pouco construtivo.

Questão: *Por que a gente se esforça tanto pra justificar todas essas ausências e nos contentamos com tão pouco quando o assunto é “nossa pai”?*



CUIDADO E SAÚDE

As mulheres acabam de alguma maneira sendo o que eu chamo das embaixadoras do cuidado dos homens, elas que sabem o que que ele têm de alergia, o que ele tá sentindo, que remédio ele tá tomando [...] ele quebrou o braço quando tinha 7 anos, ele fez uma cirurgia quando tinha 12, ele é alérgico a isso, ele não pode tomar determinado remédio. Então, quando você tá num consultório médico e pergunta pro homem o que ele tá sentindo, normalmente ele olha pra acompanhante do lado, pra ela falar sobre os sintomas que ele tem, ou seu histórico de saúde, ou seu histórico de doenças, de intervenções, de alergias, de medicamentos, etc, chega a ser caricato.

Marcos Nascimento



INVESTIGAÇÃO PRELIMINAR

Nesta etapa, olhamos com bastante atenção para os dados sobre o esgotamento e sobrecarga das mulheres. O Relatório Esgotadas da Think Olga (2023), que compartilha dados sobre o panorama da saúde mental feminina no Brasil, foi um material de pesquisa muito importante pro nosso estudo.

De acordo com o Relatório, “quase metade (45%) das entrevistadas possuem um diagnóstico de ansiedade, depressão ou algum outro tipo de transtorno mental. [...] A ansiedade, transtorno mais comum no Brasil, faz parte do dia a dia de 6 em cada 10 mulheres brasileiras.”

Como diz a psicóloga especialista em saúde mental feminina, Juliane Callegaro Borsa: “a sobrecarga é uma das principais razões, senão a maior, do adoecimento das mulheres e da busca por ajuda e por cuidado em termos de saúde mental”. E a gente entende que a não participação dos homens em tarefas de cuidado e a sua falta de cuidado com a sua própria saúde contribui demais pra esse quadro de sobrecarga feminina.



Falando de saúde do homem, é válido colocar nessa balança o fato de que homens, de um modo geral e por um padrão social, não buscam diagnósticos. Isso fica visível quando a gente contrapõe os dados de diagnóstico de depressão com os dados de suicídio dos homens: “Entre homens, a taxa de mortalidade por suicídio em 2019 foi de 10,7 por 100 mil, enquanto entre mulheres esse valor foi de 2,9” (Ministério da Saúde). Damos o pontapé inicial neste macrotema também questionando a relação destes dados: como pode os homens serem os que mais se suicidam e não serem os que mais sofrem mentalmente? A não busca por diagnósticos parece uma resposta.



[...] as possíveis limitações no reconhecimento do sofrimento psicológico e os comportamentos de encenação parecem levar ao que alguns autores têm apontado como a “crise silenciosa” da saúde mental de homens. (SILVA E MELO).“

SILVA, Rafael Pereira e MELO, Eduardo Alvez (2021)

Um outro elemento que estruturou a nossa pesquisa prévia foi a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), que não poderia ficar de fora desse estudo dado a sua centralidade política pro campo. A seguir um pouco mais sobre ela.



VOÇÊ CONHECE A PNAISH?



A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH) foi estabelecida por meio da Secretaria de Atenção à Saúde do Ministério da Saúde no Brasil. Esse documento foi elaborado como resultado da colaboração de diversos grupos, incluindo organizações da sociedade civil, sociedades científicas, acadêmicos e agências internacionais de pesquisa. Com o foco principal de identificar os desafios de saúde enfrentados pelos homens e reconhecê-los como questões genuínas de Saúde Pública. ([Ministério da Saúde](#))

PNAISH

Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homens

A Política foi criada com o objetivo de promover a melhoria das condições de saúde da população masculina brasileira, contribuindo, de modo efetivo, para a redução da morbidade e da mortalidade dessa população, abordando de maneira abrangente os fatores de risco e vulnerabilidade e associados.

OS 5 EIXOS DA POLÍTICA:

Acesso e Acolhimento
visa reorganizar as ações de saúde, por meio de uma proposta inclusiva, na qual os homens considerem os serviços de saúde também como espaços masculinos e, por sua vez, os serviços reconheçam os homens como pessoas que necessitam de cuidados e acesso à saúde;

Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva
promove a abordagem às questões sobre a sexualidade masculina, nos campos psicológico, biológico e social, respeitando seu direito e vontade de individual de planejar, ou não, ter filhos;

Paternidade e Cuidado
busca sensibilizar gestores (as), profissionais de saúde e a sociedade em geral sobre os benefícios da participação ativa dos homens no exercício da paternidade em todas as fases da gestação e nas ações de cuidado com seus (suas) filhos (as);

Doenças prevalentes na população masc.
reforça a importância da atenção primária no cuidado à saúde dos homens, facilitando e garantindo o acesso e a qualidade dos cuidados necessários para lidar com fatores de risco de doenças e agravos à saúde mais prevalentes na população masculina;

Prevenção de Violências e Acidentes
procura conscientizar sobre a relação significativa entre a população masculina e violências e acidentes. Propõe estratégias preventivas na saúde, envolvendo profissionais e gestores de saúde e toda a comunidade.

“Os homens têm dificuldade em reconhecer suas necessidades, cultivando o **pensamento mágico** que rejeita a possibilidade de adoecer. Além disso, os serviços e as estratégias de comunicação privilegiam as ações de saúde para a criança, o adolescente, a mulher e o idoso”

PNAISH (2008)





Não tinha uma fila de homens

"a gente não tinha uma fila de homens na porta do ministério da saúde batendo na porta dizendo assim "oh precisamos de uma política de saúde pra gente" Isso foi um certo entendimento, um certo momento político daquele governo que tinha uma premissa de que era importante que a gente pensasse numa política de saúde pros homens, de engajar mais os homens na saúde."

Marcos Nascimento (MEMOHConvida, 2023)

O GRANDE DESAFIO: MOBILIZAR HOMENS

O objetivo definido pra Política quando ela mesma foi criada segue até hoje sendo um super desafio: "Mobilizar a população masculina brasileira pela luta e garantia de seu direito social à saúde é um dos desafios dessa política. Ela pretende tornar os homens protagonistas de suas demandas, consolidando seus direitos de cidadania" (PNAISH, 2008). Mobilizar homens não é tarefa fácil. A Política hoje possui infinitas possibilidades de melhoria, mas sem demanda popular o processo se torna muito mais lento do que já seria com um esforço ativo dos homens em, por exemplo, lutar por essa política como um direito seu. É paradoxal pensar que uma Política que objetiva emancipar os homens em relação à sua saúde, precisa desses homens conscientes pra que continue firme nesse propósito. O problema está dado quando a gente percebe que muitos homens sequer conhecem essa Política e/ou sabem da sua existência. Uma inércia que estava identificada na sua origem e se mantém até hoje.

"Talvez a única Política de Saúde que não teve uma participação coletiva do grupo para o qual a política foi construída. E que, apesar de ter uma perspectiva inovadora, sendo uma das únicas do mundo voltada para os homens, ainda é muito pouco difundida e com uma série de limitações por encarar o "homem" como um ser genérico, sem diferenças e especificidades entre si. É sempre bom lembrar que o homem branco cis hetero de área urbana do sudeste não é o suficiente pra pensar uma política de Saúde do Homem. **Mas como a gente ia saber disso - e demandar melhorias e tal - se a gente nem se interessa, nem entende Saúde como um tema nosso?**" Pedro de Figueiredo



Quem disse que homens não vão ao Hospital?

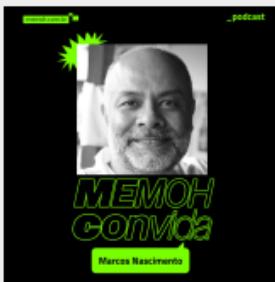
Como destaca o Marcos Nascimento em nosso episódio do MEMOHConvida, os homens frequentam MUITO os hospitais, mas quando em situações de emergência, como resultado de causas externas como acidentes de trânsito, atropelamentos e violências: **"Vai numa emergência do Hospital Miguel Couto, por exemplo, especializado em politraumatismo que você vai ver quem é que tá lá todo quebrado, são os homens."** Este comportamento reflete um traço das nossas masculinidades que não valoriza nem um pouco a prevenção de riscos, é aquela **"Idéia de que riscos não são pra ser evitados."**

Os dados do Ministério da Saúde reforçam essa observação, mostrando que as causas externas estão entre as principais razões que levam os homens aos hospitais: **"em 2009 e 2015, entre os homens, as taxas por lesões, envenenamento e algumas outras consequências de causas externas; doenças do aparelho digestivo e doenças do aparelho circulatório representaram as três principais causas de internação."** A gente entende, então, que os homens são muito mais propensos a buscar assistência médica quando diantes de emergências imediatas do que por uma busca por cuidado preventivo. E quando a gente pensa a saúde mental, a coisa não muda muito:

"Se a gente vai por exemplo no CAPES, que é o Centro de Atenção Psicossocial do SUS, o CAPES AD pra álcool e outras drogas é majoritariamente masculino. Essa imagem que você usou "não adianta ir pro bar beber cerveja ou fumar maconha que isso não vai resolver angústia da vida" tá muito atrelado às formas com as quais os homens buscam pra lidar com ansiedade, tristeza, com depressão, com angústia, que é de maneira geral, com uso de alguma substância, seja o álcool, que é muito comum, seja com outras drogas também."

**Marcos Nascimento
(MEMOHConvida, 2023)**

MEMOHConvida Marcos Nascimento | EP #03



Psicólogo, com mestrado e doutorado em saúde coletiva. Desde 2015, atua como pesquisador em saúde pública na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e como docente permanente do Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e da Mulher do Instituto Fernandes Figueira. Atualmente é coordenador do GENSEX - Núcleo de Estudos sobre Gênero, Sexualidade e Saúde (grupo de pesquisa do CNPq) e participa de grupos internacionais como a Rede Latino-americana de pesquisadores em masculinidades e o grupo de trabalho da OMS sobre homens e saúde sexual e reprodutiva.



[Quer o Ensaio?](#)



Quem participou:

HOSTS

**LINCOLN FRUTUOSO**

Líder de Projetos
do MEMOH

**PEDRO DE FIGUEIREDO**

Diretor Executivo
do MEMOH

CONVIDADOS

**LUCAS FONTAINE**

Co-fundador e caseiro do
Grupo Reflexivo "Quintal
Conversas Reflexivas",
estudante de psicologia.

**LEÓ PEÇANHA**

Prof. de Ed. Física e
doutorando em Saúde
Coletiva (IFF/FIOCRUZ).
Especialista em Gênero
e Sexualidade
(IMS/UERJ).



EPISÓDIO RdeC #04 | PARTE 1 Saúde do Homem



Pergunta-tema: Por que é tão difícil a gente se mobilizar em prol da nossa própria saúde?



Trilha do EP:
[É Preciso Saber Viver](#)
[\(Roberto Carlos\)](#)



Ouça o
Episódio!





Novembro Azul e a “Próstata Ambulante”

A “saúde do homem” facilmente e comumente é associada a estereótipos bastante simplificados e que, ainda que possam parecer, não são inofensivos, eles afetam a visão de muitos homens sobre si mesmo e sobre sua relação com a saúde.

*“Qual é a primeira coisa que vem à cabeça quando você escuta “SAÚDE DO HOMEM”? Para muitos, é tipo um sinônimo de duas palavras que rimam: **dedada e brochada.**”*

Pedro de Figueiredo

Essa visão reducionista é reforçada por Marcos Nascimento, que critica a tendência de só pensar na saúde masculina durante o ‘Novembro Azul’, ele traz no episódio a importância de reconhecer que a saúde masculina vai além do câncer de próstata, e que há outras questões igualmente relevantes, mas muitas vezes negligenciadas:

[...] a gente converte os homens em uma próstata que anda, parece que só têm próstata né, parece uma próstata ambulante [...] Não é que não seja importante, os cuidados com a próstata né, mas assim, a gente tem outras tantas coisas tão importantes quanto e a gente acaba reduzindo toda a saúde do homem à questão do câncer de próstata no mês de novembro.”

Marcos Nascimento (MEMOHConvida, 2023)

E as masculinidades sem pênis?

Nesse sentido, um assunto que passa ileso pelo Novembro Azul é o cuidado com os homens trans. O nosso Sistema de Saúde não apenas não consegue/sabe atender as demandas dos homens, cis e trans, como também, muitas vezes, violenta alguns corpos, com homofobia, racismo, gordofobia, etc. Aqui o Léo Peçanha pontua sobre um problema que é da transfobia.

“Homens trans constroem masculinidades sem pênis, ou seja, o falo não é a principal característica daquela masculinidade. É construída a masculinidade a partir de outros corpos, de outros pensamentos, outros caminhos, outras possibilidades, e isso incomoda todo um sistema que é voltado pra corpos com pênis [...] O homem trans que quiser marcar no SUS um ginecologista, ele não consegue, só porque o nome dele é masculino.” Léo Peçanha



O SISTEMA E OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Encontramos na nossa discussão um ponto de atenção que é sobre entender as diferentes masculinidades e as diferentes especificidades que elas demandam do Sistema de Saúde, que não são meros detalhes - ou que até possam ser detalhes, mas não deixam de ser importantes por isso. Há uma importância de uma formação ampla que, por exemplo, não deixe apenas para os terapeutas trans a responsabilidade de lidar com pacientes homens trans. Como apontado pelo Marcos Nascimento, ainda há profissionais de saúde que não reconhecem a importância de tratamentos específicos para homens, ignorando as particularidades da socialização masculina e perpetuando um afastamento entre paciente e sistema de saúde.

"A importância da gente se letrar em relação a essas demandas específicas dos homens trans, pra que isso não fique só com os terapeutas trans, pra que não fique dependente desses profissionais [...] e que formação é essa que não dá conta de preparar os profissionais pra oferecer uma escuta instrumentalizada pra esse tipo de atendimento?" Lucas Fontaine



"O mais incrível pra mim é quando você encontra também profissionais da saúde que não conhecem, não sabem [tratamento específico para homens]: "isso é uma bobagem, eles não vem", "a gente chama mas eles não vem", não reconhecendo as especificidades que uma certa socialização masculina produz [...] esse afastamento de que aquele espaço não é pra mim. E aí eu vou ter argumentos os mais diferentes."

**Marcos Nascimento
(MEMOHConvida, 2023)**

• e não é só sobre saúde •

"O setor da saúde não dá conta da saúde. Se você não envolve a escola, se você não envolve o mundo do trabalho, se você não envolve outras instâncias, você não vai dar conta [...] o buraco é muito mais embaixo."

Marcos Nascimento (MEMOHConvida, 2023)

MOBILIZAÇÃO POLÍTICA

"Tem que chegar o momento da gente tomar essa rédea pra gente"

"Os homens cis, num contexto amplo, deveriam de olhar mais de perto o movimento transmasculino brasileiro. O movimento transmasculino brasileiro vem fazendo esse trabalho, porque a gente não pode esperar, mano, a gente não pode esperar porque se a gente esperar a gente morre. Ta morrendo de câncer de colo de útero, tá abortando, sem atendimento, entendeu? tá sendo estuprado e não tá tendo cuidado no hospital, ta sendo preso e tá sendo jogado sei lá em que lugar, sabe, a gente precisa se organizar." Léo Peçanha



Quando a gente observa as lacunas do nosso Sistema de Saúde fica nítido a urgência de uma mobilização política entre homens. Um caminho apontado pelo Léo Peçanha é que homens cis se aproximem dos movimentos transmasculinos brasileiros, os quais já têm desempenhado um papel crucial na defesa e promoção da saúde masculina. A nossa inércia não só pode, como já tem resultado em consequências gigantescas pra nossa sociedade. A colaboração entre diferentes movimentos pode ser a chave para impulsionar uma agenda política de saúde mais inclusiva e eficaz, aproveitando os recursos já disponíveis e unindo forças para criar mudanças significativas.

"Se a gente não tá lá pensando política de saúde, alguém tá pensando pela gente, e aí acontece esse movimento de cima pra baixo, será que é suficiente?" Lucas Fontaine



"Eu acho que a gente pode tentar pegar do que já têm pra criar argumentos, pra criar um movimento."

Léo Peçanha

SAÚDE MENTAL DO HOMEM

A segunda parte do episódio de Roda de Conversa sobre Saúde do Homem focou no tema de saúde mental. Resgatamos aqui, então, alguns depoimentos que já haviam aparecido pra gente no decorrer do estudo e produção dos podcasts: 1) a importância de estarmos bem pra conseguirmos exercer o cuidado 2) a democratização do acesso à saúde mental no Brasil.



Estar bem pra cuidar

"Essa importância de desmistificar essa nossa relação, enquanto homem, com questões de saúde mental, até pra gente cuidar de pessoas que estão passando por esse tipo de problema, né? [...] Eu em algum momento da minha vida tive que lidar com isso e foi bastante ruim pra outra pessoa, e pra mim, porque eu não soube lidar com isso. Então, essa desmistificação ela vem pra gente, enquanto homem, entender que a gente precisa cuidar da nossa mente [...] só que também se uma pessoa que se relaciona, direta ou indiretamente com a gente, passar por questões de saúde mental, a gente estar minimamente preparado pra lidar com isso."

Lincoln Frutuoso (MEMOHFONE, 2023)

O acesso à saúde mental

"A gente ainda têm um certo elitismo em relação à saúde mental que a gente precisa rever, claro que hoje você têm algumas possibilidades: todas as universidades que têm curso de psicologia oferecem atendimento comunitário, você têm a própria terapia comunitária como uma possibilidade, então assim, a gente tem que pensar bastante bem sobre isso pra gente poder **avançar e democratizar essa saúde mental**, né? que ela não fique restrita a consultórios privados, de terapeuta A, B ou C."

Marcos Nascimento (MEMOHConvida, 2023)



MEMOHFONE: Lucas Freitas, membro da Comunidade MEMOH, foi um dos MEMOHzões que mandou áudio pra gente pedindo que o tema "saúde mental" fosse discutido em algum momento da nossa temporada. E aconteceu! Inclusive, chamamos o Lucas pra compor a nossa Roda de Conversa que falou sobre o assunto.



Crédito ao FPO

Quem participou:

HOSTS



ABEL OLIVEIRA

Gestor de
Comunidade do
MEMOH



PEDRO DE FIGUEIREDO

Diretor Executivo
do MEMOH

CONVIDADOS



LUCAS FREITAS

Caseiro do Grupo Reflexivo
"Quintal de Conversas
Reflexivas". Faz bordados,
quadros, fotografias,
músicas, poemas.



LUCAS VEIGA

Psicólogo e Mestre em
Psicologia pela UFF.
É autor do livro "Clínica
do impossível: linhas de
fuga e de cura".



EPISÓDIO RdeC #04 | PARTE 2 Saúde Mental do Homem

MEMOH
podcast

SAÚDE MENTAL DO HOMEM

Convidados: Lucas Freitas e Lucas Veiga

Pergunta-tema: *Por que, nós homens, temos tão pouco repertório pra lidar com questões de saúde mental?*



Trilha do EP:
[Não creio em mais nada](#)
[Paulo César](#)



Ouça o
Episódio!



O QUE ESTÁ NOS ADOECENDO?

80% dos homens brasileiros nunca fizeram terapia, aponta pesquisa GQ

Ansiedade e estresse são sintomas recorrentes para os homens, mostrou a pesquisa do Instituto Ideia. Mesmo assim, os cuidados com a saúde mental deixam a desejar

"Houve uma pesquisa no ano passado desenvolvida pela GQ, essa pesquisa evidenciou que 80% dos homens no Brasil nunca fizeram terapia, então a gente têm um crescimento, uma popularização da terapia, eu localizei muito essa popularização da terapia a partir da pandemia da covid [...] A gente tem o Brasil liderando, no topo dos países mais ansiosos do mundo, por exemplo, é um país que têm 50% da população negra e é um país em que 80% dos homens nunca fizeram terapia. Se a gente cruza esses dados, acho que a gente têm indicativos aí pra gente pensar né? Pra gente pensar o quê que nesse país, o quê que nessa sociabilidade está nos adoecendo?" Lucas Veiga



ANSIEDADE E VIOLENCIA RACIAL

O Brasil, um país que lidera os índices de ansiedade global, apresenta uma realidade paradoxal, onde a terapia permanece nem um pouco explorada por uma grande maioria, mesmo com questões psicológicas cada vez mais urgentes e evidentes. Além disso, Veiga aponta para o impacto profundo da violência racial na saúde mental das pessoas, é impossível falar sobre saúde sem pensar nos diversos marcadores sociais que, em nosso País, criam contextos oportunos e amplificam diversas violências, como a racial da qual ele fala. Lucas descreve como o racismo tá presente em diversas esferas do cotidiano, e essa constante exposição à essa violência cria um ambiente ansiogênico, onde o medo e a ansiedade se tornam partes integrantes da vida diária, contribuindo para a deterioração da saúde mental de toda a sociedade, principalmente para pessoas negras.

"O impacto da violência racial sobre as nossas subjetividades, é muito entristecedor, é muito despotencializante a lida com a violência racial e é algo que faz parte do nosso cotidiano, então, seja sofrer o racismo em primeira pessoa na circulação pela cidade, no banco, no mercado, seja amigos que sofreram e que nos contam, notícias que chegam através das redes sociais, nos telejornais, enfim, a gente tá sempre lidando com esse problema do racismo e isso é ansiogênico, isso traz ansiedade." Lucas Veiga



36

"Experimentar o próprio corpo que é por onde a gente experimenta a vida como uma ameaça é uma experiência muito desestabilizadora e aí como que a gente cria relações outras com esse corpo né?"

O próprio (Frantz) Fanon traz uma imagem que eu acho muito interessante, ele fala que as ritualísticas, a dança, a movimentação corporal, enfim, a própria militância ela têm um efeito de desintoxicação da violência racial. Então por quais caminhos a gente pode desintoxicar um pouco o nosso corpo disso que é projetado sobre o nosso corpo o tempo inteiro?"

Lucas Veiga.



O RACISMO NO SISTEMA DE SAÚDE

As duas citações abaixo destacam situações vivenciadas por pessoas negras dentro do Sistema de Saúde brasileiro, evidenciando o racismo estrutural que permeia as práticas médicas.

"Ela recebeu remédios sem encostar, sem ver o que estava acontecendo na cabeça da minha filha. Eu falei pra ela o que estava acontecendo, que ela tinha uma dermatite e que ela estava com piolho e que aquilo dali tava gerando consequências ruins. Ela não olhou o cabelo da Helena, ela não olhou o cabelo da criança, da minha filha, sabe?"

Lincoln Frutuoso



"Os profissionais de saúde, todos eles, precisam saber que isso é racismo. Porque eles falam muito essa resposta: "ah é porque eu não aprendi isso na minha graduação", "na minha época não teve isso". Mano, você é da área da saúde, você tem que ficar constantemente em aperfeiçoamento. Você não vai parar, educação e saúde não para." Léo Peçanha



Esses relatos demonstram a urgência de enfrentar as desigualdades raciais no sistema de saúde e promover uma abordagem inclusiva e justa para todos.



Mas e o nosso repertório?

Como lidar com o sofrimento mental?

A principal pergunta que disparou o episódio sobre saúde mental questionava justamente essa falta de repertório: como a gente pode construir e compartilhar esse repertório? Por quais caminhos?

Dentro da nossa discussão, buscamos alternativas que fugissem do individualismo “Essas práticas de autocuidado, de autoconhecimento, que individualizam muito a questão e aí têm tanto esse efeito de se alienar quanto de responsabilizar o sujeito, o indivíduo por tudo isso” (Pedro de Figueiredo) e também buscamos soluções que pudessem coexistir e ao mesmo tempo criar fissuras no nosso sistema: “Em toda a roda que eu participo, trazem um problema, trazem a questão e eu penso ‘isso é culpa do capitalismo, sabe?’ E aí eu vejo que essa é minha medida de autocuidado principal atualmente: como acabar com o capitalismo e com o patriarcado.” (Lucas Freitas).

O Lucas Veiga sugeriu alguns lugares por onde a gente possa caminhar com essa intenção:



As práticas de liberdade

Essas práticas referem-se às ações e estratégias adotadas para desafiar e transcender as estruturas opressivas do nosso mundo. Veiga propõe uma reflexão sobre as formas pelas quais podemos agir no presente para criar espaços de liberdade e experimentação dentro dele. Essas práticas não se limitam a resistir à lógica dominante, mas também envolvem a construção de novas formas de viver, se relacionar e se perceber, abrindo caminhos para experiências mais autênticas e significativas.

“[...] o que é que a gente faz durante? Porque sim, essa é a direção, que o capitalismo possa desmoronar. Mas é, parece que não vai ser por agora. Quais são as práticas de liberdade que a gente vai criando pra fazer furo nessa engrenagem neoliberal capitalista masculinista pra que a gente consiga ainda que provisoriamente experimentar a vida, a si mesmo, as relações de uma outra forma?” Lucas Veiga.



O exercício do não-saber

A reflexão proposta pelo Lucas Veiga aqui é que nós, homens, possamos nos desprender desse lugar de tudo saber. Para atender um ideal de masculinidade buscamos ser sempre objetivos, assertivos, ter a resposta e as soluções na ponta da língua. Mas como que lidamos com o nosso não-saber e como pode ser útil ocupar esse lugar?

*“Poder se colocar num lugar de testemunha com o outro isso é real [...] eu acho que isso é algo que a gente pode experimentar mais porque isso de ter que ter algo a dizer eu acho que já é um efeito também de uma certa masculinidade [...] desse [homem] que resolve, desse que sabe, desse que domina a situação. **Como é que é pra nossa experiência de masculinidade não saber?** Como é que é chegar nesse lugar de não-domínio? Eu acho que isso, por mais difícil que seja, habitar um pouco esse lugar pode produzir algumas diferenças interessantes nas nossas sociabilidades né?” Lucas Veiga*



Práticas

As práticas são ações sugeridas ao final de cada episódio do formato Roda de Conversa. A intenção delas é trazer para o cotidiano um exercício prático e simples que seja uma extensão do tema debatido naquele dia.

- **Seja um embaixador do saúde de um homem:** escolha um amigo e se responsabilize pelo cuidado dele;
- **Apresentando políticas:** se aproxime de um homem e apresente políticas de saúde pra ele (oportunidade de você aprender a respeito tbm e de buscarem saber mais juntos);
- **Conheça a UBS de onde você mora:** conheça e frequente a Unidade Básica de Saúde da sua localidade e entenda como ela se comunica com o território.
- **Um viver melhor como ética:** a escrita sobre você, sentimentos e experiências que teve pra manter um estado de elaboração sobre si, criar um senso de autopercepção.
- **Papo de bar:** se organizar coletivamente, conseguir comunicar incômodos nesses lugares.
- **Se vulnerabilize primeiro:** se colocar vulnerável pra um par (outro homem) e trocar ideia, não necessariamente pedir ajuda, mas se colocar ali verdadeiramente.

Dica Cultural

Ao final de todo episódio do MEMOHConvida, o convidado do programa sugere uma dica cultural para o nosso público que tenha relação com o assunto abordado no episódio, em alguma medida. Se liga só nas dicas do Marcos Nascimento e do Pedro de Figueiredo:



BABILONIA TROPICAL
Marcos Damigo, 2023.



ESTRANHA FORMA DE VIDA
Pedro Almodóvar, 2023.



QUESTÕES IDENTIFICADAS



NÃO CONSEGUIR ADMITIR FRAGILIDADES

A falta de repertório e de ferramentas para lidar com as nossas questões e com a nossa saúde - nosso corpo, nossos medos, nossos sentimentos - faz com que, conscientemente ou não, a gente busque fugir da nossa realidade: seja não falando a respeito, fazendo uso de entorpecentes, não indo ao médico ou não se examinando, etc. Essa coisa de ficarmos "tapando o sol com a peneira" desponha aqui como uma grande questão pra nós homens porque não conseguimos admitir nossas fragilidades.

O prazer de correr riscos: relacionado a essa falta de repertório também vemos que, por aspectos de construção de masculinidade, adotamos uma relação muito complexa com o risco: ora, o ignoramos completamente, como se vivêssemos no eterno mundo de Peter Pan, ora o desejamos de uma maneira quase fetichista.



Questão: *Por que parece que pra nós homens a vida só vale se a gente tiver vivendo no limite?*

Não é pra mim e nem sobre mim: nós homens não enxergamos a saúde como uma pauta ou um problema nosso, e isso é muito problemático porque faz com que homens pouco busquem o cuidado de si (sobrecregendo as mulheres quando ficam doentes) e pouco busquem reivindicar o direito de ter atendida as suas demandas pelo Sistema de Saúde, que permanece confortável sem nenhuma pressão para que suas políticas possam ser melhoradas. Assim, sem homens organizados e mobilizados, pouco ou nada temos de alteração no nosso sistema.



Questão: *Por que a gente não consegue olhar pra nossa saúde de frente, com apreço e coragem?*



relatório do estudo

HOMENS E CUIDADO

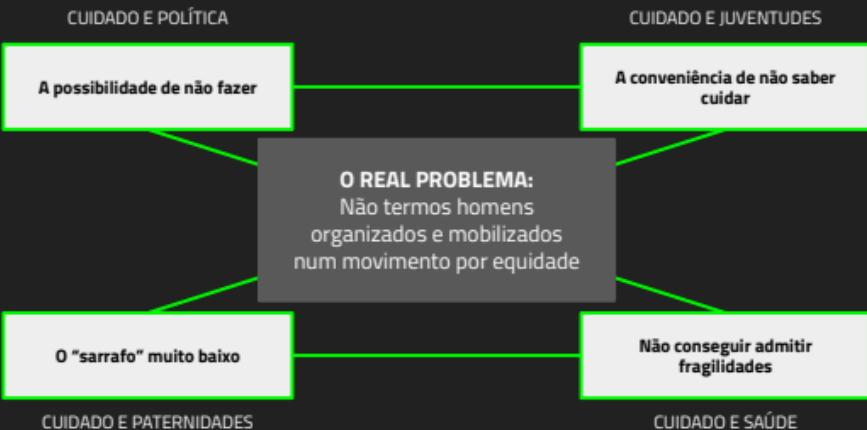
O REAL PROBLEMA

O real problema é aquilo que ao fim deste relatório identificamos como a base de todos os problemas identificados ao longo do estudo. Aquilo que está por detrás das questões óbvias.



O NOSSO REAL PROBLEMA É NÃO TERMOS HOMENS ORGANIZADOS E MOBILIZADOS NUM MOVIMENTO POR EQUIDADE DE GÊNERO

É possível perceber esse problema atravessando e catalisando todas as questões levantadas em todos os macrotemas. Sendo causa ou efeito, não termos um movimento de homens destinado à promoção da equidade de gênero é hoje o nosso principal problema quando pensamos o cuidado. A gente sabe que a cultura capitalista que temos não favorece de jeito nenhum o encontro (em diversos sentidos) entre homens, muito menos uma movimentação política que surja daí pra reivindicar, em alguma medida, o que pode ser entendido como 'perda de privilégios'. Embora saibamos que a luta por equidade não signifique uma perda pra nenhum grupo, é assim que ela é facilmente vista no senso comum. Temos então um contexto social que, historicamente, atravessa qualquer possibilidade de conexão política entre homens, e que ao mesmo tempo sofre com os efeitos dessa não mobilização que poderia vir daí, de diversas maneiras possíveis como relatados neste relatório.



A possibilidade de não fazer

A conveniência de não saber cuidar

Nós homens estamos rodeados de "ótimos" argumentos que nos afastam do cuidado. Sejam aqueles, de fato legítimos, que apontam pra estrutura social como uma grande responsável por desassociar o cuidado dos homens, como também os pretextos que usamos pra manter esse afastamento inalterado.

O REAL PROBLEMA:

Não termos homens organizados e mobilizados num movimento por equidade de gênero

Nesta mesma linha, quando nós homens conseguimos "assumir" essa função de cuidado, espera-se pouco da gente. E o mínimo feito já é um grande feito. Difícil não estagnar por aí. Porque não há estímulo pra que a gente vá além: o cuidado não é valorizado socialmente, a sobrecarga das mulheres é invisibilizada, e, de fato, falta repertório e referências práticas que, minimamente, apontem caminhos possíveis de serem trilhados.

O "sarrafo" muito baixo

Não conseguir admitir fragilidades

Tudo isso levantado nas questões identificadas mantém e gera esse cenário de não organização e mobilização. Um cenário disperso. Contudo, se nós, os homens incomodados de hoje, que reconhecemos esse cenário, não conseguirmos nos organizarmos e nem tentarmos desafiar essa estrutura, permaneceremos sem alcançar nenhuma transformação social. Tudo fica igual. Vale pensar que uma luta por equidade de gênero jamais poderá desconsiderar o cuidado como um elemento chave pra manutenção de diversas desigualdades de gênero. Logo, buscar equidade de gênero envolve repensar o cuidado na nossa sociedade.



relatório do estudo **HOMENS E CUIDADO**

OUTRAS POSSIBILIDADES DE INVESTIGAÇÃO: LACUNAS DO NOSSO ESTUDO

Aqui em “outras possibilidades de investigação” apresentamos alguns assuntos, temáticas, discussões que o nosso estudo não contemplou, seja por decisão de focar em outros aspectos tão importantes quanto, ou por não conseguirmos mesmo dar o devido aprofundamento que tais pautas mereciam. Então, segue neste capítulo essas possibilidades que representam lacunas do nosso estudo, que desejamos que possam ser investigadas por outras pessoas, outros projetos, outras pesquisas, e que, assim, se mantenha o debate.



01**UM OLHAR DIRECIONADO PRA JUVENTUDE**

A discussão realizada no nosso macrotema dirigiu muito mais atenção pro aspecto da desconfiança existente quando homens operam o cuidado com crianças e adolescentes. Em episódios como MEMOHConvida com o Daniel Costa Lima e o Homem de Fé com o Otávio Damichel levantamos diversas questões de serem tratadas diretamente com a juventude.

Não fizemos isso, mas reconhecemos um campo gigantesco de estudo e atuação quando a gente pensa sobre os meninos: seus desejos e incômodos estão sendo ouvidos? Como a masculinidade e a relação com o cuidado já se manifesta pra nossa juventude hoje? Como é a educação que os jovens dessa geração estão recebendo e quais novas problemáticas estão surgindo?



PATERNIDADES ATÍPICAS**02**

Esse foi um dos temas mais pedidos pelos nossos MEMOHzões. Quando lançamos o macrotema “Cuidado e Paternidades”, muitos pais vieram até a gente pedir pra que fosse explorado o recorte das paternidades atípicas - dos pais que possuem filhos neuroatípicos e toda a complexidade que envolve cuidar dessas pessoas e exercer a paternidade nestas condições.

Consideramos esse um recorte importantíssimo de ser super explorado, mas não foi possível no nosso estudo de 2023. Esperamos conseguir falar disso o mais breve possível, mas deixamos aqui em aberto pra que essa discussão seja pautada também por outros parceiros.



03**CUIDADO E VELHICE**

O tema da velhice para homens por si só já rende bastante. Mas quando a gente fala sobre cuidado e velhice, relacionando o cuidado com esse recorte geracional nos deparamos com um debate super importante e pouco explorado.

Como homens lidam com a velhice e com a necessidade de se cuidar ou ser cuidado nesta etapa da vida? Que complexidades encontramos quando pensamos o cuidado de um homem na sua velhice, momento em que perde muito dos atributos de masculinidade, que socialmente o validaram como homem durante toda a sua vida? Que novas relações com o cuidado é possível ter a partir daqui?



OUTRAS POSSIBILIDADES DE INVESTIGAÇÃO: LACUNAS DO NOSSO ESTUDO

01

UM OLHAR DIRECIONADO PRA JUVENTUDE

PATERNIDADES ATÍPICAS

02

03

CUIDADO E VELHICE

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

04

05

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX



**relatório do estudo
HOMENS E CUIDADO**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Abel Oliveira.



relatório do estudo HOMENS E CUIDADO

REFERÊNCIAS

- "Boletim Epidemiológico" | Ministério da Saúde (2021): https://www.saude.gov.br/centrais-de-contenido/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim-epidemiologico_nov_33_final.pdf
- "Cuidado em Surto: da crise à ética" | Pedro Augusto Gravatá Nicoli e Regina Stela Corrêa Vieira, Revista Cult (2020): <https://revistacult.uol.com.br/home/cuidado-em-surto/>
- "Criança não é risco, é oportunidade" | Instituto Promundo (2000): <https://ormundo.org.br/wp-content/uploads/2015/07/Crian%C3%A7a-na-%C3%A9-Risco-e-Oportunidade-Fortalecendo-as-bases-de-apoio-familiares-e-comunit%C3%A1rias-para-crian%C3%A7as-e-adolescentes.pdf>
- "Economia do Cuidado" | Think Olga (2020): <https://lab.thinkolga.com/relatorio-final-economia-do-cuidado/>
- "Entre os homens que cuidam de filhos e parentes em casa, os com maior escolaridade cuidam mais" | Gênero e Número, Aline Gatto Boueri (2019): https://www.conectarnao.com.br/media/conectarnao/homens-e-cuidam-mais/fbclid=IwAR28x1JOYsThST5_cnrX2_ilcmK8rSKYERK1foNanVPEXp-HXiCHHvaHWU5A
- "Esgotadas" | Think Olga (2023): <https://lab.thinkolga.com/wc-content/uploads/2023/08/1ABthinkOlga-Esgotadas.pdf>
- "Homens na linha de fogo: juventude, masculinidade e exclusão social" | Gary Barker (2008): <https://www.amazon.com.br/Homens-na-Linha-Fogo-Juventude-Masculinidade/dp/8575775286>
- "Homens também Cuidam" | UNFPA / Instituto PAPAI (2007): <http://www.unfpa.org.br/arquivos/homenstambemcuidam.pdf>
- "La Masculinidad" | Daniel Jones (2022): <https://www.unes.edu.ar/libro/la-masculinidad>
- "Mais de 100 mil crianças não receberam o nome do pai este ano" | Agência Brasil (2022): <https://agenciabrasil.ebc.com.br/seral/noticia/2022-08/mais-de-100-mil-bebes-nao-recebem-o-nome-do-pai-no-nomeamento>
- "Masculinidades e sofrimento mental: do cuidado singular ao enfrentamento do machismo?" | Rafael Pereira Silva e Eduardo Alvez Melo (2021): <https://www.scielo.br/j/csp/a/THNckSpn4kenwh6rFbS48ntM/>
- "Men are struggling. A new book explores why and what to do about it | Richard V. Reeves" (2022): <https://www.npr.org/2022/11/04/1133586707/boys-men-labor-force-labs-gender-gap-workforce>



"O Silêncio dos Homens" | Papo de Homem e Instituto PdH (2020): <https://www.youtube.com/watch?v=NRom69UvXCE>

"Outras Formas de Trabalho" | IBGE/PNAD (2020):
https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102020_informativo.pdf

"Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem" - PNAISH | Ministério da Saúde (2008):
https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_atencao_saude_homem.pdf

"Precisamos falar com os Homens" | ONU Mulheres (2016):
<https://www.youtube.com/watch?v=lvKymACaSS0>

"Quem vai fazer essa comida? mulheres, trabalho doméstico e alimentação saudável" | Bela Gil (2023):
https://www.amazon.com.br/QUEM-VAI-FAZER-COMIDA-A-LIMENTAR-ebook/dp/B0B7XZ20QJ/ref=ASIN_BROWSE_KW_1

"Tempo de Cuidar" | Oxfam (2019):
<https://www.oxfam.org.br/forum-economico-de-davos/tempo-de-cuidar/>

"Why men can (and should) participate in the care economy too" | Katica Roy (2022):
<https://www.weforum.org/agenda/2022/08/care-economy-industry-gender-equity/#:-text:Increasing%20the%20number%20of%20men%20narrowing%20the%20gender%20gap%20gap>

"16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública Anuário Brasileiro" | FBSP (2022):
<https://dossies.agencianatricaigalyao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/16o-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica-fbsp-2022/#:-text=0%20Anu%C3%A1rio%20Brasileiro%20de%20Seguran%C3%A7a%20oficial%20dos%20%23B3%23%23A7%20m%23%23BAblicos%20rasnhas%23%23A1veis>

"80% dos homens brasileiros nunca fizeram terapia, aponta pesquisa GQ" | GQ Brasil (2022):
<https://oglobo.globo.com/Noticias/noticia/2022/05/80-dos-homens-brasileiros-nunca-fizeram-terapia-aponta-pesquisa-gq.html>

REFERÊNCIAS VISUAIS

[teatro] **BABILONIA TROPICAL**. Dir. Marcos Damigo, 2023.

[cinema] **ESTRANHA FORMA DE VIDA**. Dir. Pedro Almodóvar (2023).

[cinema] **CLOSE**. Dir. Lukas Dhont (2022).

[cinema] **BROKER**. Dir. Hirokazu Kore-edo (2022).

relatório do estudo

HOMENS E CUIDADO

FICHA TÉCNICA

EQUIPE ESTUDO:

Abel Oliveira

Isabela Venturoza

Lincoln Frutuoso

Pedro de Figueiredo

Ronan Lima

DIREÇÃO EXECUTIVA:

Pedro de Figueiredo

GESTÃO DE PROJETO:

Abel Oliveira

Pedro de Figueiredo

PRODUÇÃO GRÁFICA E REDAÇÃO:

Abel Oliveira



idealizado por
MENOH